

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Ananda Pinto Cardoso

OCPAÇÃO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Caleb Faria

Porto Alegre

2014

Agradecimentos

A vocês, joelhos.

...TODOS OS JOELHOS.

## Índice

Introdução

TEMA  
JUSTIFICATIVA  
OBJETO  
OBJETIVO  
MÉTODO  
REFERÊNCIAS TEÓRICOS

**Algo sobre território e legitimidade**

**Pessoa é território, território é pessoa.**

**Para discutir a ocupação: equalizar corpo e espaço.**

**Dança, a prática que disputa espaço**

**Cultura – cultivo de comportamento**

**Antecedentes de um território expandido**

**O espetáculo glorioso dos corpos sem mundo**

**Sobre decidir agir em coletivo**

Do território, Mapa!

**Identificação do imóvel e entrada**

**A casa como corpo: O encontro de ânima e ânimus**

**Rabisco de lugares**

**CARACOL - Casa de Cultura Libertária**

**1ª reunião da Caracol:**

**O que mais importa é COMO**

**um toque de higiene**

**DESMONETARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES**

**SESSÃO DO TEMPO**

**ARTE: SOBREPRIVAR-A-CIDADE do privado**

**Sobre a lógica: ESPAÇOS**

**SOBRE O FAZER - Tarefastrabalham o corpo ferramenta**

**ENERGIAS - Matérias outras que potencializam a vida**

**Ocupar é reciclar**

**Lixo urbano**

**A casa extra membrana**

**UM FRAGMENTO BRUTO**

**HETERO TRÓPIKOS – Foucault chegou!**

**ver-se livre publicamente para realizar o sonho de sair pelado na rua**

**CONCLUSÃO -**

**Uma vida é um laboratório de experimentação**

## FIM do INÍCIO

Aqui termina fim do início começa iuqA

Ela já tinha dito

Una casa  
un espiral  
un animal  
diminuto  
que salta por la ventana  
del gran caos

El cuerpo ocupa lugar  
la mente ocupa lugar  
el alma ocupa lugar

Una casa  
un caracol,  
una mirilla  
y su revés

El revés,  
ahí donde no se ve,  
donde los panópticos no ven  
pero aprietan,  
el cuerpo resiste

El alma ocupa lugar  
la mente ocupa lugar  
el cuerpo ocupa lugar

Adentro  
ahí adentro,  
sí se ve,  
se abren grietas hondas;  
ahí, detrás de esa mirilla:  
vemos,  
nacemos

Una casa  
un cuerpo  
ramificado  
a-rizo-mado,

un territorio  
que se burla

del territorio  
pra se-expandir

Un territorio  
una tierra  
¿hay tierra en la tierra  
que pisamos?

¿hay camino  
en las pisadas  
que caminamos?

El cuerpo ocupa lugar  
el alma ocupa lugar  
la mente ocupa lugar

la ciudad, lugar  
microlugar  
macro-lugar,  
país,  
¿¿país??

En lo que se abre,  
una mirilla  
para ver  
bien de cerca,  
como se revuelca un propietario  
en su ambición  
en el vacío que no se llena  
ni con la suma de paredes  
ni con la cuenta  
de dólares cuadrados

Una casa  
dos cuerpos  
tres cuerpos  
cuatro cuerpos,  
una galaxia.

Espiral,  
una vuelta de reloj

a la resaca permanente  
a las mignocas de la cabeza  
y la noia colectiva  
de la ciudad

La noia: ¿¿colectiva??

Un átomo  
dos átomos  
¿cuántos átomos?  
¿cuántos autosuficientes

corriendo desesperados  
al desagotamiento de las horas?

El alma ocupa lugar  
la mente ocupa lugar  
el cuerpo teje redes,  
se expande,  
expira,  
respira,  
ya no soporta,  
explota.

## **Introdução**

### TEMA

Esse trabalho fala sobre ocupação. Entrar em imóveis ociosos, serventes a especulação imobiliária e dentro desses, o corpo como instância sensível de engate coletivo para criações filosóficas, políticas, estéticas e artísticas. A vida dentro de uma ocupação é um arranjo informal, algo fora das possibilidades normativas de existência. Trata-se de um tempo/lugar que usa da criatividade e força para nascer. Ocupar é uma estratégia de apropriação do corpo-espaço LIVRES (para a resolução das demandas). O corpo ativo nos aproxima do instinto autônomo. Dinamizando a carne, libera tempo, produz ócio, reflexão, exploração de outros comportamentos no intuito de experienciar livres trocas.

Lidamos com o que tem para hoje (Isabel Seis Kachos, 1948)

Arranjos informais são crime. Por isso, é necessário que esse debate se instale publicamente. Estamos debatendo o que entendemos sobre nós próprios e como tratamos o processo de co-opressão coletiva. E a decisão conjunta de sermos livres, custe o que custar, não. Porque não vai ter preço(-fixo) ser feliz. Você faz.

Preferimos comer juntos, mas não desgastamos a relação para manter esse capricho.

### JUSTIFICATIVA

Pela força, não apenas simbólica contida nas práticas sociais, é imperioso reconhecer certa passividade em um fazer antropológico cujo corpo é alheio à prática anunciada. Aquilo que nos faz falar através de, nos constitui e é a partir desse engate que jogamos. O corpo é uma instância que ocupa espaço. Se todo o corpo ocupa espaço, o território se faz numa trama de corpos. Entendendo corpo de forma ampliada, uma ocupação é um corpo que disputa espaço. Espaço de corpos é movimento. Ocupa território. Há que se narrar o espaço. Aí está o embate político, a produção de subjetividade capaz de tensionar fibras normativas.

## OBJETO

Para falar sobre o tema ocupação, o objeto de análise desse trabalho será a Casa Caracol – enquanto os corpos que a animam - uma ocupação nascida na cidade de Porto Alegre durante o ano de 2014. O base do processo é a casa como habitáculo da pesquisa experimental a respeito daquilo que nos mantém articulados a sociedade. Ter o corpo em um processo de ocupação implica o funcionamento da vida como um todo. Ocupar é como uma des-escola da civilidade e moralidade. Um tubo ensaio para criação de outras formas de vida.

Amadas árvores plantas flagrantemente vorazes pelo gozo. Negligentes aos avisos de aqui não se pode, você vai se dar mal. Persistentes e rebeldes, maldosas e insanas. Ninguém jogou semente para que nascessem. As fezes de um pássaro, talvez. Fuligem cósmica, poeira atlântica. Impreterivelmente nascedouras!

Plantas que erguem o dedo do meio para aqueles que discursam a falta de condição para o desenvolvimento do ser vivo. Em pleno concreto, brotaram e seguiram. Hoje são grandes ao ponto de serem pauta recorrente nas reuniões da Casa Caracol. O raciocínio mesquinho de que as paredes irão cair por completo e a chuva seguirá entrando com intensidade máxima se a árvore seguir crescendo ali. Dialogam...

### O eu no objeto

Não há neutralidade. A prática registrada não é uma etnografia convencional. Todo o meu campo simbólico está implicado nessa pesquisa, portanto ela está completamente viesada pela minha produção de significado e a minha máquina de produção de significados está inundada da experiência vivida y narrada aqui. Não me afasto de mim, escorro sendo ao mesmo tempo tantos outros que por mim estão hoje aqui falando.

Acredito em espíritos.

Acessa ancestral

Você não é o primeiro.

### AVENTURE-SI na CONTRALOCALIDADE ~ nomadismo

Vide o exemplo de Foucault, é possível criar no plano das ideias uma possibilidade que seria concretizável no plano real e que todavia não foi, pois se mantém afastado o pensar e o fazer. Criamos o real.

1 - Através do gesto definitivo que esculpe a matéria e concretiza a ideia, o mundo.

2 - Através da forma como percebemos o que está criado.

Decidimos: criar

O conceito de heterotopia descrito pelo autor narra algo que ele não encontrava acontecimento no paupável. Foucault não ocupou.

A partilha do sensível como campo de pesquisa pode jogar com o “intangível coletivo”. Se o campo é alheio a mim, estou pesquisando a terra como espécie física distante. Se o

campo é vivo, ele não apenas interage comigo, como me constitui a medida que eu o delinheio em possibilidade de interação.

por entre as plantas  
ser – motor do vento - ser  
limite não medido no espaço

agonia em estar presa num corpo  
o prazer da carne estirada a cada alongamento

## OBJETIVO

O objetivo desse escrito é incentivar a prática da ocupação. Para os mais variados fins, principalmente o de emancipação humana através da criação autônoma. Inspirar a liberdade, instigar os trabalhadores de pesquisa a se misturarem definitivamente com seus objetos e desfrutarem o limiar de uma vida obra.

Estimular a poesia prática acima da prática poética. Trazer à tona um universo que poderia ser especulativo, mas foi real. Incentivar a produção de conteúdo independente nos meios (in)formais. Instigar a busca da vida desmonetarizada, estudar através da própria ação os limites da normatividade estatal. Fazer saltar aos olhos uma brecha que tem se aberto entre a representação do espaço e sua real possibilidade. Vivemos um tempo onde o excesso abre margem para reajuste de demandas sociais sem a intermediação do estado.

Instigar selvageria, tantrismo e outras formas de conexão entre os seres.

## MÉTODO

Mapeo descreve movimento. Assim se aplica o método:

A Antropologia tem, dentro de um abrangente espectro de variações, a etnografia como método mestre de seu fazer. O presente trabalho responde, sim, à Antropologia enquanto Ciência, contudo ousa utilizar um método destinto para a análise de seu objeto de pesquisa. Ilusório e imaginário para uns, real e representativo para outros, o jogo de ocupar espaços ditos privados na cidade é uma dança de risco que contesta as leis em um grau bastante aguçado colocando o corpo como ferramenta prática. Falar sobre a vivência de ocupação implica a carne como material de busca da linguagem, valores e seus transportes. Micropolíticas de segurança, saúde, educação, comportamento, entre outras (des)normatividades serão vetores de análise.

Essa ideia de ruptura remete necessariamente a um processo de reciclagem onde os seres abdicam de uma forma de conceber a si e dão origem a um processo coletivo de produção de outras possibilidades de estar através de arranjos informais. Sendo assim, pode-se pensar cada corpo que se implica nesse jogo como Plataforma de Registro de uma reciclagem que questiona as partes que o compõe. Que resíduos utilizo para remontar a trajetória histórico-ilusória do agora? Vida (a)traí(s) memória.

Segundo Isabela, o catador-compositor, em sua eterna re-montagem faz, na estética da sobra e da escassez, um corpo criação. Sem o pensamento ideal do engenheiro, está à margem em constante estado de guerrilha sensível, cavando desvios e rotas de fuga para encaixamentos de novos encaixes que permitam re-existir. A pesquisa mapeia pontos desse novo arranjo de sentidos para habitar o corpo criador. Para isso, é necessário colocar-se disponível ao experimento intensivo do trânsito de forças, mantendo astúcia na lógica dos acoplamentos de sentido reciclados.

Buscar o campo pessoal de experiência afim de estar o mais fundo possível nas camadas sinestésicas é compartilhar o desmonte do mito da posse de si e do mundo observando desde a própria carne. Da carne dxs companheirxs que deram vida a Casa Caracol, é feita uma apreensão aleatória de sentidos, contando com elementos das Ciências Sociais, abrindo uso para outros terrenos metodológicos. Os registros flexibilizam proporcionalidades imagéticas. Sente do teu jeito.

O corpo é cerne dessa experiência como margem entre externo e interno, depósito de interação social. A pesquisa agencia peças que deflagram fantasmagorias políticas contidas num território íntimo e urbano. São trajetórias nebulosas que não respondem a demanda de falta de moradia, servem apenas como reflexo da bagunça que somos.

Para a coleta de movimento dos corpos foram usados relatos, crônicas, poesias e outras formas seres que passaram pela Casa Caracol no período analisado. O processo de ocupar a si produz sedimento. A casa monta rastros flagrantemente. Orgânicos e sintéticos, ações e discursos. A casa é um relicário de (in)significâncias e os seres que a ela dão vida, os agentes da crise de significado. Da poeira à fuligem, um percurso volátil sopra tempo encrostado nos cantos onde fantasmas desenham sorrisos sem imprimir digitais. Nos corpos daqueles que deram vida encontram-se os vestígios tangíveis e intangíveis compartilhados. O método é decalque sem matriz. Os registros de experiência trazidos estão em outras línguas. Sintomas como esses não estão estrangidos revisão textual. pois vincular o ser ao seu meio pode elucidar fibras. A construção de um determinado acontecimento pode se autodeterminar através de caricaturas.

## REFERENCIAIS TEÓRICOS

Às vezes brasileiros, mas em grande maioria estrangeiros, aprendemos a formular perguntas sob uma ótica alheia. O presente escrito responde a uma formação acadêmica que, como no mais da ciência, confere legitimidade circunstancial às ideias e aos seus anunciadores. Esse escrito toma a possibilidade de enunciar a experiência, apresentando operadores de pensamento ainda não renomados. Conversas informais, opiniões, sensações, impressões daqueles que compuseram o que agora é narrado como fato. Além de saudar a ideia de anonimato como um exercício no qual o interesse por manifestar se sobrepõe ao da autoria – ainda que não torne fechada a possibilidade de reconhecimento, constitui uma escolha que tenta abrir caminho para outros faladores.

Se não o medo da morte, que outros seríamos? A partir do que? Que tipo de teoria social seria capaz de produzir condições para que as pessoas governem suas próprias questões?

A mesma indisponibilidade de um conhecimento absoluto é o que faz do comprometimento com “uma outra opção” um ato moral. O imperioso não é a legitimidade, trata-se de impor outra narrativa ao espaço e compor-se a partir dela. Através da propositividade, misturar o anseio íntimo ao impedimento alheio, fragmentar-se pela crítica e ponderar entre teimosia e persistência. Realizar.

Agir Anseios precípeis ao Sol.

### **Algo sobre território e legitimidade**

Vigora o entendimento de que a propriedade é direito subjetivo, já que deve cumprir uma função social. A concepção de função social nasce da noção de que, enquanto vivente em sociedade, a pessoa deve empregar esforços no sentido de dar sua contribuição ao bem estar da coletividade em detrimento dos interesses unicamente individuais. Somos produtores da realidade. Diz a Wikipédia que a concepção de "função social" visa dar ênfase a consciência de cada indivíduo enquanto ator no cenário da vida em sociedade. Somente a valorização da noção de trabalho em prol do bem comum tem o condão de garantir o bem estar social. A função social e sua aplicação na vida prática evoca o dever atribuído ao proprietário de fazer uso de seus bens de forma que o exercício do direito de propriedade obedeça aos parâmetros legais e morais estabelecidos, no intuito de contribuir para o interesse coletivo. A propriedade passa a ser vista como instrumento de apoio ao alcance dos fins sociais, cuja essência é o seu serviço à coletividade (DERANI, 1997, p. 239).

Imóveis ociosos, excedentes. Pessoas não ociosas, não excedentes. Precisar de espaço e existir espaço. Ainda que voltada originariamente para a realização dos interesses individuais, a propriedade desempenha papel fundamental enquanto promotora dos interesses coletivos. Nas palavras de Cristiane Derani, a propriedade enquanto fruição privada é justificada como meio de alcance da felicidade social, pois o bem-estar individual deve levar também à felicidade coletiva” (1997, p. 239). A propriedade não deve recair na flacidez de ser tomada como direito subjetivo, se estiver viva sua natureza de função, isto é, a ser utilizada a serviço da coletividade. Por este viés, a propriedade não detem o caráter absoluto e intangível e o proprietário é apenas o detentor de um bem, por sua vez pertencente à coletividade.

Corre o dito de que tempo é dinheiro. Segundo a teoria da função social todo indivíduo tem o dever social de desempenhar determinada atividade, de desenvolver da melhor forma possível sua individualidade física, moral e intelectual, para com isso cumprir sua função social da melhor maneira (FIGUEIREDO, 2008, p. 83). A maioria das pessoas tem tempo e não tem dinheiro. Tem dinheiro e não tem tempo. Segundo o artigo 170 da Constituição Federal, a ordem econômica encontra fundamento na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, e tem por fim assegurar a todos existência digna.

Se tempo é dinheiro e nascemos com tempo e não com dinheiro é porque é tempo a moeda da vida. Se nascemos com tempo e não com dinheiro é porque tempo existe e dinheiro pode ser que seja, entre outras coisas, uma manobra abreviativa para atingirmos

nossas necessidades de forma superficial, mas não suficiente.

A ocupação, arranjo informal e sua dinâmica sócio-espacial.

### **Pessoa é território, território é pessoa.**

Ocupar um imóvel é uma ação referente a um conjunção político cultural, construída e replicada numa multiplicidade de propostas de corpos. A ideia de ocupação faz o humano enquanto corpo-território num processo que distende a normatividade a um estado de ruptura consigo através da ativação do senso coletivo de criação. A possibilidade de criar coletivamente coloca a ocupação como dispositivo no qual o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações, sua luta pela realização consiste numa serie de esforços, cujo resultado é uma distância entre a intenção e a sua manifestação. Diferença a qual o artista não tem controle” (Manu e Duchamp (1969).

### MUERTE COLECTIVA DE RISAS

Para discutir a ocupação: equalizar corpo e espaço.

O desigual: casas sobrando e gente sem casa.

Um espaço abandonado aponta incoerência com a proposta de uso acordada socialmente através do argumento de função social do imóvel.

Sobrepondo corpos a um espaço que é narrado pelo estado como propriedade privada ociosa, pela sociedade como abandonado

ocupamos e formulamos

Perguntas ingênuas que não serão respondidas:

Qual acordo subjacente a normatividade faz com que um imóvel, provido de função social tenha o seu “porque” de uso sucateado e possa se compor acima da ideia de casa uma racionalidade que narra aquele espaço enquanto mercadoria? Como vão se imbricando as lógicas para que cheguemos ao ponto de termos um déficit de moradia na cidade de Porto Alegre que narra 48 mil imóveis ociosos e 38 mil pessoas sem moradia (Querido boca de vinho sempre narra esse dado, 1234)? Como essa margem produz? Como se torna natural essa lógica? Como seguem as empreiteiras e o mercado imobiliário inflacionando a economia e os seres de forma cada vez mais arcaica entregando a força (em prece precoce pressa) ao insórdido fenecimento de si? Inibimos a crítica e revitalizamos o contrato. Ou colocamos, através da ação, uma manobra definitivamente ativa de uso da vida?

### **Dança, a prática que disputa espaço.**

Entre as crises de linguagens e normas de uma sociedade fantoche, trocamos algo além das palavras e deixamos o corpo narrar outro espaço. Interrogações de um nível ítimo. Foucault quando fala de heterotopia, fala de uma inquietude relativa ao espaço fundada pela dimensão social subjacente a ideia de espaço. Argumentando sobre uma dinâmica

sócio-espacial, o autor fala dos espaços normatizados, onde um consenso público opera. O espaço produz narrativa e o tempo as condensa em representação. Quanto mais visitada pelos corpos, a representação se vivifica em identidade coletiva. E essa identidade modula o comportamento dos seres.

O espaço, segundo ele, traz o confronto de ideias e possibilita a eminência de novas representações. Enquanto o tempo consolida os significados, pode gerar instabilidade ao arranjo de poder pela associação de fiferentes que fissurem o hegemônico.

No espaço público, tempo e espaço jogam juntos, alinhados sistematizando o fluxo de vida. Os corpos narram espaço através da presença. É assim que os agentes operam a manutenção do que está. Em espaços heterotópicos (o que estamos chamando de arranjo informal), o autor aponta que tempo e espaço estão em oposição, incitando conexões outras. Educados para perpetuar certa norma, ter de fundar outros referenciais de ação provoca um processo de ruptura. Esse, quando operado em coletivo, pode gerar uma composição de movimentos emancipatórios, sugerindo possibilidade de ser espaço.

### **Cultura – cultivo de comportamento**

Travar esse jogo incessantemente até tornar-se sensível a impermanência faz com que gradativamente abduquemos da posse e passemos a entender o uso. Compreender-se instância dinâmica de criação do espaço dispõe a carne a outra frequência de atividade. Mudar a atitude de engate das relações fricciona o parâmetro privado por transpor membranas, deixando-se afetar.

Desidentificar-se é descobrir-se sempre ali, onde não esperava. Espaço jogo simultâneo, justaposto, disperso.

Um habitus ecológico no sentido de Bourdieu (1989), leva a incorporação de atitudes em várias esferas da vida: alimentação, habitação; vestuário; saúde, modos de vida identificados ao contato com a natureza como restaurador; práticas espirituais que valorizam tradições pré-modernas na experiência do sagrado. (CARVALHO, 2010, p. 8 e 9)

Qual a visibilidade que determinado espaço proporciona às necessidades e sentimentos combatidos pelo Estado?

### **Antecedentes de um território expandido**

Os levantes de 2013 desafiaram a ordem anunciada. Destruir, reconstruir, deslocar, remanejar, privatizar, manter precário, gentrificar e reprimir a contestação e a resistência conecta-se claramente a um grande projeto nacional de remodelação do espaço e do mercado para se projetar como potência rumo à nova face do capitalismo no século 21. Enquanto economia emergente e de herança colonial, um corpo vigoroso articula suas redes de poder entre estados dominantes e conta com corporações capitalistas transnacionais, organismos financeiros supranacionais que organizam um domínio. (Chamado a guerra nômade)

Em 2013, a pressão escapou fazendo com que uma avalanche varresse as ruas: a luta contra o aumento da passagem, a contestação dos custos financeiros e sociais dos mega eventos, como Copa do Mundo, levou pessoas às ruas em ININOCENTÁVEIS cidades.

Ideias e táticas de ação direta nas ruas ganharam adesão e foram apropriadas por inúmeros grupelhos e turbas de descontentes em geral com disposição para expor a violência cotidiana de uma sociedade submetida ao lucro de poucos e sacrifício de muitos. As novas formas de mobilização social nas lutas de junho conseguiram barrar aumentos arbitrários e as ruas viram ecoar por alguns meses uma intensa onda de protestos e confrontos. É cabido ressaltar alguma disposição das multidões em se encontrar, se associar e responder aos chamados feitos não apenas em junho: pressão política tornando pública a face violenta e totalitária do Estado. A revolta popular se molecularizou em diversas outras manobras. Grupos congregados por afinidade puseram-se a pensar em formas mais contundentes de implicar a vida. O processo narrado nesse trabalho nasce de corpos que puderam se encontrar de forma mais definitiva em meio a onda de protestos de 2013.

### **O espetáculo glorioso dos corpos sem mundo**

A assembléia teatral das individualidades mascara mal o deserto em que consiste. Existe uma pluralidade de mundos que são tanto mais reais quanto partilhados. A política é acima de tudo o jogo entre diferentes mundos. A aliança entre os que são conciliáveis e o afrontamento entre os que são irreconciliáveis. A ideia de que cada um tem a sua vida, capitaliza, através de técnicas políticas, as ligações através das quais um grupo estabelece condições de subsistência e existência. O campo da legalidade confunde-se há muito com o dos constrangimentos múltiplos tornando a vida um embate entre o exigido e o almejado. A submissão subjetiva que condiciona o acesso à sobrevivência alerta para a criação de possibilidades de existência coletiva capazes de gerar autonomia perante escalas supradominantes. Desentender as relações como necessariamente mediadas por moedas é um dos primeiros passos para construir bases estruturais que possibilitem persistir na produção de arranjos informais. Tratamos aqui de uma pesquisa viva que conta com desconforto individual e coletivo para a constituição de uma potência material que seja ninho a outro arranjo coletivo. É demasiado cedo e demasiado tarde. Deixamos de esperar, por isso temos tempo.

### **Sobre decidir agir em coletivo**

Não é preciso mais para que se tome como “seita” toda e qualquer experiência coletiva fora do controle. O liberalismo erigiu o princípio de que tudo deveria ser tolerado, desde que não tenha consequências diretas na estrutura da sociedade, nas suas instituições e no poder de Estado. Qualquer ideia pode ser aceita, a expressão deve ser favorecida, desde que as regras do jogo social e do Estado sejam aceitas. Por outras palavras, a liberdade de pensamento do indivíduo deve ser total, a sua liberdade de expressão também, mas, o mesmo indivíduo não pode querer consequências do seu pensamento, no que diz respeito à vida coletiva. O pesadelo do Estado é a ruína da ideia de uma unidade social, pois

consiste em que parte da coletividade segregue através de um pensamento que toma forma enquanto maneira de viver e que essa incorporação seja partilhada.

Afetos bloqueados numa “interioridade” azedam em sintomas.

As barreiras que cada um erige

- para marcar limites do que não deve jorrar para fora (de si) -

quando rachadas,

promovem um susto que transcende o medo

Nos coloca como responsáveis a criar novos parâmetros de ação

...já que antigos referenciais de impedimento tornaram-se obsoletos.

Por o corpo em risco é algo que faz parte da existência de toda comunidade material.

O questionamento dos limites individuais ou das fronteiras estabelecidas pela civilização revela-se espaço de potência.

Nas metrópoles, a caserna, o hospital, a prisão, o sanatório, o hospício e o lar de idosos são formas permitidas de habitação coletiva. O normal é o isolamento de cada um no seu cubo privado.

Por mais fortes que sejam os encontros que se fazem, é importante transcender a zona de mera afinidade das relações e identificar as repulsas compartilhadas na fuga às condições de existência que mutilam o instinto livre.

Nesse estágio, casas passíveis a serem ocupadas são elemento fundamental para a ampliação de uma arte coletiva de

Curar – abdicar do arranjo que nos agride e cultivar outra forma de interação.

Na constelação de locais ocupados, constata-se a vivificação de algo fora da oferta de ser.

Em espaços de arranjos informais, a gerência da sobrevivência se dá a partir do trabalho coletivo (refeições comuns, partilha de técnicas e materiais e os mais diversos fluxos de trocas).

Intensifica-se a potência de ação através de vivências que se condensam em formas de expressão atravessadas estética, filosófica e politicamente por usarem dos códigos sociais para ir ALÉM.

Do território, Mapa: malha abstraída de corpos

Hacking Bey transpôs em roque xamânico uma série de perspectivas que alertam para a ideia de mapa como uma proibição gigantesca condicionada pelo estado até que a tomemos como conformidade de território. O sistema de geração de representação mental do mapa educa para que meçamos nosso tamanho em relação ao meio. Nosso tamanho pode ser dilatado ou fracionado dependendo da disputa de território que travamos! O mapa sempre será uma abstração porque não pode cobrir a Terra com precisão. Dentro dos fractais da geografia, o mapa pode detectar apenas malhas dimensionais. Imensidões embutidas e escondidas escapam da fita métrica.

**Caracol – Identificação do imóvel e entrada**

filamento de um corpo-caracol

“Fueron varias las casas que pasaron por nuestras pesquisas antes de dar con la que posteriormente sería la Caracol. En el corazón de Cidade Baixa, casa antigua de no menos de 80 años, angosta y de dos andares, puerta de madera, probablemente la original con una reja fuerte por fuera que sería la principal barrera. Si entraríamos sería por allí.

El clasico método del palito entre la reja y el marco nos permitiría saber si aquella puerta tendría alguna movimentación en el pasar de los días.

Después de las pesquisas pertinentes, y visto el abandono real del inmueble, nos decidimos a entrar. Como última medida precautoria colocamos una faixa por fuera con el nombre que llevaría la casa, y como nadie tocó en ella, después de varios días lo entendimos como un signo de que tampoco en el vecindario había personas ligadas al inmueble.

O mapa está fechado, a possibilidade de ocupá-lo, praticá-lo, transtorná-lo está aberta. Essa possibilidade se desdobra pelas dimensões invisíveis à Cartografia do controle. O conceito de psicotopografia (Bey) como uma ciência alternativa àquela da pesquisa e criação de mapas e "imperialismo psíquico" do Estado trata da capacidade de desenhar mapas de realidade em escala 1:1. É a mente humana com complexidade suficiente para modelar o real. A realidade manifesta em matéria e disponível em experiência ao nosso redor é reflexo de nossa prática. O humano modifica - mortifica - seu entorno em sua imagem e semelhança, digo em sua linguagem e ignorância. Criação que subjulga o criador. A partir do que temos feito nossas escolhas de criação? Temos sido conscientes e autênticos em nossas criações ou estamos servindo de agentes estabilizadores do status quo? Um mapa 1:1 não pode "controlar" seu território porque é completamente idêntico a esse território. Há espaços (geográficos, sociais, culturais, imaginários) capazes de fazer florescer Zonas Autônomas - momentos que passaram despercebidos pelos "cartógrafos do controle". Psicotopologia é a arte de aprofundar-se na busca de potenciais Zonas Autônomas. (Bey, \*\*\*\*)

Uma zona autônoma é potente a um arranjo informal.

A dinamização do espaço através da ocupação abre para a reapropriação do comum: a constituição de linguagens autônomas, meios de interação que arranquem a mediação da experiência das mãos do controle. Através de laços direcionados pela partilha material e espiritual, a condição de saber se mover e a inexistência de um esquema não são um obstáculo, mas uma oportunidade. Para que a circulação do saber denigre a hierarquia, parte-se do princípio de que todos recolham informações, e a decisão se fará mais do que os seres a ela. A ação de ocupar começa por sabotar a instância de representação e, assim, sentir a potência de ação através da auto-organização.

Llegó el momento, una mixtura entre ansiedad y seguridad nos indicaba que ya era hora. El instinto inicial era entrar por la noche, pero varias discusiones nocturnas sobre las circunstancias y estrategia nos alertó que la reja no sería fácil de abrir e inevitablemente sería un lance ruidoso, por lo que operar de noche podría inducir un vecino a llamar la policía, y caer durante la acción es un riesgo que debe tender a cero.

Ocupar en si no está penado por la ley Brasileira, pero ser intervenido por la policía durante la acción de entrada puede acarrear cargos por violación de domicilio, y en cualquier caso, en la confusión del momento es bien probable que la policia actúe con violencia por desconocer los fines de aquella acción. Decidimos, por lo tanto, cambiar la extrategia a un método totalmente opuesto al de la intención inicial: de una entrada sigilosa a un lance obvio, nosotros somos los dueños.

Diz o direito positivo constitucional que a propriedade ainda está claramente configurada como um direito que deve cumprir uma função social.

Ela está protegida tão somente na medida em que realiza essa função.

“En 26 de junio por la noche. Estan allí moradores, viajeros y una galera a fin de trocar una idea. Una cena, vinos, y finalmente unas miradas cohinciden en que es momento de formular la acción. Seis cuerpos se dirigen hacia un cuarto y un septimo parece no ligarse de la privacidad de aquella reunión. Uno de ellos percibe la situación e intercede con toda sinceridad y naturalidad:

-Guria, não é uma questão pessoal, mas a gente trabalha muito a cultura de segurança, tu sabe isso. Agora vamos ter uma conversa sobre uma ação na que tu não vai participar, então seria legal que tu fique fora.

La puerta se cierra y la luz tenue a media altura recrea un clima cálido. El silencio domina la escena por algunos segundos, se

destapa una botella y la ansiedad se manifiesta:

-Então... é uma grade?

-Isso, uma grade que parece difícil. Ela é toda de ferro y tem duas fechaduras, acima e abaixo. Depois uma porta de madeira que parece bem mais fácil.

-Só o pe de cabra.

-E a vizinhança?

-Complexo, tem uma garagem 24hs na frente, e a grade vai ser muito barulhenta.

-Então pra fazer essa mão de noite vai ser foda...

-Não acho que seja uma coisa rápida e qualquer barulho na noite pode ser pra ligar a policia.

-E então? De dia?

Para quebrar leis banais e demandar o impossível é necessário encontrar quem esteja na mesma frequência e conectar-se. Sentir-se só até o momento em que um encontro aumente nossa disposição. Arranjos informais constituem-se quando seres se encontram e decidem caminhar. A "comunga" - decisão de comungar - será talvez aquilo que marca o momento em que seria normal a separação. Pelas pessoas que compõe a decisão e pelo espírito que as anima, uma comunga forma-se cada vez que alguns libertos da camisa-de-força individual, começam a não contar senão com eles mesmos para confrontar sua força com a realidade. Toda e qualquer ação selvagem comunga.

La entrada

Aquel día amaneció nublado, hacía más de una semana que estaba lloviendo y ese viernes no parecía ser diferente. Salimos bien temprano y llegamos a la puerta de la casa poco después de las 7, la faixa seguía allí. Paramos las bicicletas contra la pared y nos sentamos en la calzada, justo delante de la puerta.

Sacamos nuestro desayuno junto con un mate y nos pusimos a evaluar la situación: el barrio comenzaba a despertarse, algunas personas ya transitaban, concentradas en si mismo, rumbo a sus actividades. Volvimos a observar las rejas con cierta discreción, supimos que sería posible abrirla con el pie de cabra aunque demoraría varios minutos. Para la estrategia utilizada de ser totalmente

evidentes trabajando a la vista de todo mundo que pasase, la calle estaba tranquila, excepto por los vecinos del estacionamiento de enfrente: al parecer, y como confirmamos con el tiempo, quienes allí trabajaban tenían la costumbre de sentarse en la calzada para conversar entre ellos y saludar a quien pasase por allí. No nos separaban más de 20 metros, estaban demasiado cerca hasta para escuchar nuestras conversas y no parecía que irían a moverse de allí, pero el teatro estaba en marcha y no estábamos a fin de suspender nuestra acción: el momento para las insertidumbres y las dudas se halla antes o después de la acción, nunca durante la misma, si la dificultad se acrecentaba pues debíamos confiar aún más en nuestro instinto y agudizar la estrategia teatral.

Sin pensarlo demasiado dos de nosotros combinamos una conversa base y nos acercamos:

-Bom dia, gente.

-Bom dia! Respondieron ambos con una mirada intrigada.

-Queremos dizer só que a gente vai estar trabalhando agora, e como temos que forçar a porta é provável que façamos barulho. Só pra vocês saberem e não atrapalharmos com o sound.

-Mas... vocês vão a invadir?! Preguntó uno de ellos mientras “fruncia el seño”.

-Não, justamente vimos falar pra que não achem que estamos invadindo. Só que não temos as chaves, a casa está fechada há muito tempo e elas perderam-se, então agora temos que forçar a tranca.

-Mas essa casa é duma senhora que mora por aí. Dijo mientras señalaba para un costado haciendo referencia a alguna casa de la cuadra: - E um ano atrás colocaram uma placa de venda.

Por nuestras pesquisas sabíamos que la casa ya no era de ninguna señora, que la había comprado años atrás en un remate una empresa, hasta entonces media fantasma, y desde entonces ya nadie había tenido

interacción con ella, por lo que entendimos que nos estaba poniendo a prueba intentando sacar verdad de mentira, y dudar en aquel momento podría desencadenar una confusión que nos delatara. Asumimos el hilo de la conversa y respondimos sosteniendo el teatro con convicción:

-Claro, a Vera, ela é minha tia. Ela quis vender a casa mas não deu certo e desistiu. Agora emprestou para nós, mas ela já nem tem a chave.

-Bom, então tá... Constató finalmente convencido y con un gesto que parecía expresar el desinterés que en el fin de cuentas tenía con esa casa.

Saludamos amistosamente y regresamos para comenzar a trabajar.

O agir redescobre uma juventude. A comunga é a unidade elementar da vida de resistência. Uma escala insurrecional não é mais do que a multiplicação de comungas, sua ligação e articulação. Toda comunga não poderá senão tender para a auto-subsistência e experienciar no seu seio o dinheiro como algo irrelevante e, no fundo, deslocado. O poder do dinheiro cria laços entre aqueles que não estão ligados. A capacidade que o dinheiro possui, de tudo interligar, paga-se com a superficialidade desse laço.

Dos cerraduras aseguraban la reja. Debíamos hacer saltar una primero y la otra después. Comenzamos por la de abajo, demoramos un poco pero finalmente reventó/estorbó. La reja quedaría un tanto machucada y el cemento comenzaría a rasgarse. Decidimos rapidamente continuar con la cerradura restante y enfiamos el pie de cabra con rapidez, pero esta vez resultaría bien más difícil. Por estar ella a una altura por sobre nuestras cabezas el potencial de nuestros brazos no experimentaba su máxima fuerza: lográbamos hacer entrar el pie unos centímetros y al palanquear zafaba haciendo un barbullón.

La calle comenzaba a ponerse cada vez más movimentada y nosotros no pasábamos desapercibidos.

**A casa como corpo - O encontro de ânima e ânimus**

Musgo, poeira, fuligem, notícias de um outro mundo, uma outra vida. Quando chegamos, não haviam muitos pertences pessoais na casa, mas o suficiente para nos fazer viajar em narrativas sobre o lugar. Materiais de costura, fitas métricas, lãs, linhas.

O processo é um estado latente. Nunca se chega ao fim de nada. Tudo se desenvolve a base do temporário.

O ambiente gasto pelo tempo revigora a ideia de velho. As paredes tem sua inscrição de uso sobreposta a imagem lisa.

PREENCHA A LACUNA A SEGUIR: Descubra que não há pecado em ser

\_\_\_\_\_.

Quando chegamos, a casa estava cheia. Tinha seu microclima, o registro de suas estações. Um metabolismo completamente desinteressado pelo ritmo urbano de atropelos, luzes, limpeza, organização, velocidade, conteúdos fáticos e vazios. Anúncios fora da rotina de produção e mais todas as metáforas que lhe vierem a mente. A casa trazia cuidadosamente registrado em seu corpo as marcas úmidas de uma mucama muda. Começam a se desvelar as camadas de um imóvel nada estático. Antes de estarmos ali, era possível conhecer a casa através da burocracia. Imprimir a matrícula do imóvel, ler seu histórico, pesquisar seus donos, dívidas, a classificação do imóvel, saber em quanto é avaliada, por quem foi comprada, seus prazos. Estudo superficial sobre a mediocridade.

O que os corpos gosma viva vinham fazer ali era conhecer a casa por conta própria. Sentir seu cheiro, dançar suas fendas, ver imagem nas manchas, pisar sem peso. Afinal de contas, não sabemos qual madeira está para cenário e qual realmente é capaz de sustentar a caminhada. A palheta de tons de verde variantes desde as folhas das árvores e seu maroto fenecer, até os musgos, fungos que vem chegando como quem não quer nada a ponto de armar árvore.

Broto queira virar caule

Que de fibra em fibra

grossa e faz da poeira árvore sem estudar em escola de magia.

### **Rabisco de lugares**

Por onde ânima se derramará nesse ânimus? Como compartilharão fluxos de existência os corpos esses recém chegados a casa? Com que implicância criativa a seiva elabora seu trajeto? Funcionalidade do existir: quanto menos energia dispendida, mais orgânico o processo. Vínculo, afetividade e intimidade iluminam a vivência. O que sonhamos? O que queremos? O que podemos fazer? O que iremos fazer? Quem nos impede? O que estamos fazendo? Processo: algo não absoluto está acontecendo.

A casa tem dois andares. Entra-se por uma grade seguida de porta. Dois degraus e uma porta a direita: um cômodo quadrado (3 passos x 3 passos). Se não tivéssemos dobrado a direita, 1,5 passos depois dos dois degraus, escada a direita. Se não tivéssemos subido a escada, 1 passo a frente e um cômodo retangular (4 passos x 6 passos). Seguindo reto

uma porta pros fundos. Da porta segue um corredor que tem uma planta flagrante, aquela da vida teimosa que nasceu na diagonal e faz todos terem que se abaixar para atravessar o corredor. Se não tivéssemos passado essa porta, e tivéssemos nos mantido na porta em que entramos no cômodo retangular, traçando uma diagonal nesse aposento, daríamos em outra porta. Meio passo e o banheiro à direita. Pia, privada, janela. Se não tivéssemos entrado no banheiro, mais meio passo e outro retângulo (3 passos x 5 passos). Janela e porta à direita. Essa janela e porta encontram o corredor atravessado pela árvore na diagonal que logo a frente tem um tanque. Se não tivéssemos saído pela porta, cruzaríamos a passagem que liga ao último quadrado (4 passos x 4 passos). Porta ausente, janela metafórica, duas árvores já bem crescidas no teto. Golpeando as paredes com os ossinhos dos dedos ouve-se um som que não lembra algo firme. Inclusive pode-se esculpir destruindo a parede com os dedos. Melhor não, nesse momento.

Se tivéssemos subido as escadas, 6 degraus e um 7º que inclina à direita, mais 1 degrau de tamanho irregular e 9 degraus levam ao segundo piso. Um espaço (2 passos x 1 passo) e a opção esquerda ou direita. Indo para a direita um cômodo (4 passos x 7 passos), indo para a esquerda um cômodo (4 passos x 7 passos). Atravessando esse, um quadrado de varanda (2,5 passos x 2,5 passos). Uma mureta da altura de uma perna que simboliza algo, mas não impede nada e um terraço superior de 2,5 passos x 2,5 passos. Em cada um dos terraços uma árvore daquelas vidas que aniquilam a estrutura do imóvel, encantam insurrecionistas pelo ar de perseverança, mas na verdade apenas estão ali.

No fundo da casa, tínhamos um pátio de 8 passos x 12 passos com uma vegetação imponente que borrifava umidade na querida Forno Alegre.

Hoje estive em uma casa encantada  
Escrevi sonho na varanda  
E não fotografei pra você ver

Manu diz sem usar óculos: “ A experiência de ocupar, assim como algumas práticas políticas existências me fazem lembrar o processo de aprendizagem de uma linguagem. Isso é o que esta sendo para mim este momento. Não necessariamente se termina aprendendo, mas se termina comunicando. Na minha experiência eu não falo um português correto, é uma mistura entre português, castellano, gírias porto alegrenses e sotaque cordobês, onde um argentino não me compreenderia nem um brasileiro, mas posso comunicar-me, e é ali nesse resto da linguagem, nisso que a gramática não pode captar, que excede as normatividades, que são os (des)encontros, os choques, as impressões. É um inter espaço, onde não se esta numa coisa nem na outra, mas se esta em alguma parte, uma parte de criação. (Manu e o ato de criar)

O sol batia e a cidade era horizonte  
peramanhecer  
ali  
até que  
as coisas  
em si

si  
tocassem

A obra nunca se cria, o criador a observa, o processo não se esgota. Esquecendo de estranhar-se, somos mastigados em ânsia, colonizados pelo território, medidos por uma régua sem número.

Vi toda a cirurgia em meu corpo  
agoniava só porque tinham me falado da morte enquanto algo a temer  
No quintal sentia  
ternura

A MORTE  
lembro de quando dançávamos e o capim  
nos cortava a pele  
pouquim pouquim  
nalgum lugar outros lugares da  
inconsistencia  
regozijavam de prazer explorando  
movimento  
veloz

Outros corpos, novas potências. Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, quais são seus afetos, como pode ou não compor-se com outros afetos, para compor um corpo mais potente (mil platos, deleuze e gattarri).

### **CARACOL - Casa de Cultura Libertária**

Em arranjos informais, o comportamento dos seres passa a ser formatado sob um outro espectro de responsabilidade. Seriam outros, por tentarem ser, de um só golpe, eles mesmos. As opções de ficar para o bicho morder ou correr para o bicho pegar não estavam disponíveis.

Elxs que tanto deixavam a realidade os pinicar,  
Suas críticas estavam sendo a prova do "fazer acontecer".

Corpos experimentam novas formas ao juntarem-se. Ousaram deixar claro que violência e agressão existem e correm invisibilizadas. Desafiam o monopólio das forças afirmando que o conflito está entranhado por todos os âmbitos de nossas vidas e a passividade é miserável. Costumeiramente uns contra os outros, engolidos e cuspidos pelas máquinas urbanas, busca-se brecha para, como cúmplices, interagir.

Apesar do comum de estar ali, estranhos uns para os outros. Ocupar uma casa: o que isso significava profundamente, talvez nenhum soubesse. Dicas e em cima dessas dicas, operavam. Ainda que cultivássemos como um jardim de flores plásticas a opacidade da rotina, tudo mudaria de forma contundente. Para visitar o avesso da peça era preciso estar disposto a assumir a responsabilidade da configuração da matéria, tendo em conta que o

espaço é análogo à arquitetura de poder.

Hoje casas abandonadas são material sujeito a reciclagem\_ Cacos

A crítica social trará maiores esclarecimentos como prática. É desafiando o poder público e a legitimidade de suas decisões, suspendendo seu domínio sobre o território que ampliamos o horizonte de um outro "possível". Quando um conjunto de corpos abrem suas histórias, ideais, políticas, gerando uma ação no real, no escape de significados, fazem do imaginário um plano de conjunção que se manifesta em ato.

Criar oásis?!

Não. Ir a território.

Funcionamento prático investigativo

...Camadas, camaradas, camadas.

Criar territórios:

não se trata de ocupar o território, mas de ser o território.

Quanto maior for o número de territórios que se sobrepõe numa determinada zona, menor o poder de controlá-los.

Pode ser que a organização local, ao sobrepor sua geografia à cartografia estatal, produza algo.

1ª reunião da Caracol:

Como funcionaremos? O que queremos da casa? O que a casa quer da gente? Temos muito a fazer. Qual a prioridade? Quem faz o que? Quando faremos? De que forma faremos? Todos juntos o tempo todo? Combinaremos mutirões? Decidiremos áreas de responsabilidade? Elegeremos aleatoriamente o que nos toca e realizaremos? E se um toma uma iniciativa que não está ok para os demais? Alguns trazem conteúdos aprendidos, mas não necessariamente vividos. Anarquia, autogestão. Outros trazem o sorriso e o comprometimento com várias outras funções na cidade, que não a casa.

Muitos de nós já havíamos circulado diversas vezes pelo bairro, como qualquer jovem da cidade. Não tínhamos relação alguma com os viventes da rua. Tomando a naturalidade como eixo central do fazer, entendemos que a prática é nosso discurso. Ao entrar na casa, colocamos uma faixa que dizia "Casa Caracol, espaço de cultura libertária". A faixa não significava muito além disso: um mínimo de contato. Ainda assim, havia muito a ser dito.

O ser diário da casa.

A inevitável rotina e seu rítimo iam empreendendo laços de, ainda que superficial, confiabilidade. Logo na frente da casa havia um estacionamento. O homem que cuidava do estacionamento se tornou nosso amigo e cumprimentá-lo todas as manhãs trazia uma espécie de pertença. Podíamos senti-lo como um dos que estava ali, mas não era exatamente dali. Aos poucos foram surgindo os personagens da rua: Dona Noemi, a vizinha que fazia parede conosco e que da noite pro dia foi tirada do seu imóvel noticiada de que havia sido vítima de uma fraude (pagou a casa a um impostor) e deveria abandonar o imóvel(!). Philip, o inglês. Sujeito simpático que logo veio cumprimentar-

nos com flores (as quais colocamos na janela e mantivemos o hábito por algum tempo). Philip foi um quem contava que na Inglaterra, atitudes como a nossa eram subsidiadas com isenção da conta de água e luz (o que não deve ser tão assim), “o estado queria ver cada vez menos casas abandonadas...”. Quando contamos isso, é comum escutarmos: “ah, mas lá é outro mundo...”. Velho colonialismo de ideias, hábitos e ações. Havia também o advogado e sua família que foram bastante gentis durante o tempo em que convivemos. Inclusive em certo episódio que a casa estava ameaçada, fomos a sua casa, contamos um pouco do que passava e por ter vivido ali tantos anos, ele nos deu um histórico dos usos daquele imóvel, refletindo a face pura de seus prioriproprietários.

Olhe no olho da sua filha

## **O COMO Importa.**

### **Um toque de higiene**

Em 1925 no Brasil, higienistas mentais, reguladores da dinâmica sócio-espacial dos corpos, reorganizadores da moral e dos bons costumes, alienados da própria doença, escreveram:

Estás Certa de que teu filho não possui nenhuma predisposição nervosa? A criança normal é geralmente alegre, sorridente ativa, chora pouco e gosta de brincar. Se o teu filho é tristonho e apático, ou excessivamente excitado e brigão, se chora muito e tem ataques de raiva, cuidado com a predisposição nervosa que o pode transformar no futuro, em uma criança doente e infeliz (...)

Teu filho é tímido, ciumento, desconfiado? É teimoso, pugnaz, exaltado? Cuidado com esses prenúncios de constituição nervosa.

Teu filho tem defeitos na linguagem, é gago? Manda-o examinar para saber sua verdadeira causa

Teu filho tem vícios de natureza sexual? Leva-o ao especialista para que te ensine a corrigi-lo.

Teu filho é mentiroso ou tem o vício de furtar? Trata-o sem demora, se não quiseres possuir um descendente que te envergonha.

Teu filho tem muitos tiques ou cacoetes? É um hipermotivo. Procure evitar a desgraça futura do teu filho, que poderá ser candidato ao suicídio.

Teu filho pouco progride nos estudos? Antes de culpar o professor, submete-o a um exame psicológico. Conhecerás então, o seu nível mental, o seu equilíbrio emotivo, e terás, assim, elementos para melhor o encaminhar na vida.

Lê e reflete. A felicidade do teu filho está em grande parte nas tuas próprias mãos. Não esperes, portanto, que teu filho

fique nervoso, ou atinja as raias da alienação mental; submete-o quanto antes, a um exame especializado, a fim de que, amanhã, não te doa, nem de leve a consciência. É essa a exortação que te faz a Liga Brasileira de Higiene Mental, que somente deseja ver felizes todas as mães, para que felizes sejam também todos os filhos deste querido Brasil”.

Se teu filho desconfiar da realidade e dos sistemas de controle, puna-o normatizando-o.

Assim fomos feitos

Criminosos

até que confiássemos no que estávamos fazendo.

Esse trabalho é, em alguma medida, a tentativa de explicar aos familiares o tipo de crime que cometemos.

O que é sujo? Qual o impacto da sujeira em você? O que me /te/nos contamina? Que sujeira eu produzo? Como me limpar? Onde está o corpo sujo?

Seus hábitos produzirão claridade e segurança.

O trajeto imagético de um processo de ruptura com a normatividade gerencia o exercício de observar os limites.

O sistema imunológico se baseia na interação entre corpos. É toco estudar o anticorpo isolado do linfócito, o linfócito isolado do sistema imune, o sistema imune isolado do organismo, o organismo isolado do ambiente, o indivíduo isolado da comunidade, a comunidade isolada da sociedade e estas da biosfera. Acredita-se que o mundo é perigoso e agressivo. Desse modo, a principal função do sistema imune é defender o organismo, discriminando o estranho, contra os ataques terríveis do processo de evolução cuja mola principal seria a seleção, OU não. (MARÉS, Carlos Frederico).

A visão epigenética da biologia nos lembra que a única constância é a mudança e que o ser humano, afinal, é o destino do ser humano. Doenças são produzidas cultural e politicamente, através de modificações históricas epigenéticas que moldam nossos corpos. Nossas práticas culturais estão acumuladas no tempo. Reciclando-as, evidenciamos que somos capazes de compor (a)casos. Quem ajudou a dizer isso foi Vitor Por Deus, psiquiatra presente na fundação do Hotel da Loucura, no Rio de Janeiro.

Criar interdependências reais entre nossas demandas de vida conectando fraquezas e potencialidades pode nos fortalecer coletivamente. O conjunto de egos é o karma coletivo no qual a crença representacional alimenta a estaticidade do ego. O dinamismo é saudável a uma persona refrataria do infinito e esta em relação aos fatos coisificáveis. Se não entendeu leia de novo e de novo com vontade de entender. Se sua mente não entendeu, relaxe. Alguma outra parte do seu ser entendeu.

Manu contribui:

- É que você não está vendo o quadro que eu estou vendo...

Faça perguntas cujas respostas são duras de responder praticamente

Vida sugada do corpo, sem hierarquia do pensamento em relação ao corpo. Bibliografia de europeu branco, maxo: cansa. Vamos gerar outra fonte, vaziar o molde?  
Cicatrizas cisão em sintonia com as forças do corpo que sabe.

Compor alteridades?  
Entrar na experiência.

Como acionar o corpo que sabe?  
Tira o foco do saber do corpo.

Movimento descolonial implica ética de vida vinculada a cotidianidade. Cosmogonia: as saídas não estão na articulação do sistema: normatização dos afetos, amor ao poder e a militarização sofisticada. A leitura das figuras viradas questionará o lugar onde se dorme.  
Como produzimos poesia para operar o pensamento?  
Como se pensa possível?  
Como colocar o corpo em movimento compondo cartografia?  
O gesto curativo inclui conectar-se com coisas de fora. Revisitar corpos.

)Isso ainda tá estranho(

**DESMONETARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES**

Autonomia para destercializar o território da vida: desobediência civil (não li o livro).

Para pesquisar sobre monetarização, temos de delinear quais são os fluxos de troca que abreviamos e invertemos em valor de moeda. Quais são os valores que nos são convenientes pagar e quais são os valores que forçosamente nos colocamos na condição de ter que gastar?  
Como o tempo entra enquanto uma moeda que alicia humanos a não pesquisarem outras formas de relação com as coisas acreditando que o dinheiro é a forma mais efetiva de troca por desperdiçar o menos tempo possível?

O jogo do ocupar consiste numa quebra de normatividade que ao entrar na casa e tal atitude acomete sequências de quebras de normatividades. Serão mudadas as bases que constituem nossa lógica de alimentação, de estudo, relação afetiva, vestuário, produção artística, o meio como elaboramos nossas formas de comunicação, a forma como organizamos o tempo, o modo como gerenciamos a energia, a água, a interação com a ideia de lazer, com a prática do labor. Alguns descobrirão que tem ofício, outros deixarão definitivamente de tê-lo.

**SESSÃO DO TEMPO**

Aprender o tempo do processo como tempo real.

Desargumentar as quinas, fluir.

Tratamos aqui de nascidos entre as décadas de 80 e 90, uma geração educada por pais que não sentiram a ditadura na carne, mas foram educados por aqueles que fizeram parte desse período. Talvez contemos com corpos que não tem medo a toda hora e de qualquer coisa, mas por outro lado, corpos cujas matrizes comportamentais estão fortemente impregnadas por uma ideia bastante individualista de desenvolvimento.

Tempo pessoal em troca de existência social: eis o trabalho, eis o mercado. O tempo da comunga escapa desde logo ao trabalho, não entra nesse esquema e prefere outros. A exigência da comunga é libertar o máximo de tempo possível para todos. Já não há atualmente um tempo a preencher, mas antes uma libertação de energia que "tempo" algum contém. O que se não a necessidade de preencher um completo vazio, de reconstituir a sua força de trabalho em seu "capital saúde"?

Nosso desejo não pode ser maior que o tempo marcado pois há muitos para serem atendidos. Espero olhar no fundo do olho e gargalhar. Minha pele coça por dificuldade de contato. Manchas da luz que é tão pura e pode te cegar.

VENHO-VINGA-VIDA (falar girando, subindo o braço)

Tem que andar muito no território para que ele perca a dimensão de raiz.  
TODO O ARTISTA É UMA PESSOA.

Uma vez, um dos espaços que fez corpo da casa:

O processo de ocupar implica uma serie de aberturas, de crise e contracrise, isso porque uma ocupação é uma quebra no tempo (...) uma quebra de estruturas possíveis, de alternativas de existência, de aluguéis a pagar, de morais a ter em conta; é preciso outra modalidade para este outro tempo e espaço, para um tempo onde as intensidades se condensam, assim como uma metáfora diz mais das palavras ali colocadas, assim como as imagens não são fixas. (...) é uma instância de incertezas verdadeiras, de procura e pesquisa nos pixos que se encontram na nossa janela da alma, ali no canto, esses pixos são os que se tem que esconder na reprodução única da estética, única da política, única da existência. A proposta, em tanto autoproposta, para eu continuar escrevendo, e para nos continuar lendo, é pichar2(nos), é ocupar(nos) nestes escritos, nestas criações em existência.

Tempo quem sois?

Seremos ousados o suficiente a subjugar-te ao ao ponto de torná-lo respectivo a cada ser?  
Ou seremos repetidores, por um deslize que seja, da lógica meritocrática dos incubadores de culpa e ajuizadores de fazeres?

Fazes o que gostas? Não. Por que? Por que a cidade me oprime. Ah, é? Aham. De que forma? Rouba meu tempo e minha força de trabalho. E se ela parasse de fazer isso, o que faria você por você mesma? Hm...

Se não pagas mais aluguél, se tens espaço para te desenvolver, o que fazes? Quem és?

Quem te dispões a ser? De que forma?

Em que medida te deixas transparecer em todo esse processo?

Uma das moedas gerada pelo processo de ocupação é o tempo. Passamos a não ter o compromisso de trabalhar para um objetivo alheio. Tendo tempo e nem sempre dinheiro, a criatividade começa a funcionar atenta a gestão do dia a dia. Manutenção e melhoramento da casa (com suas flexibilidades estéticas) e mesmo assim há tempo para um algo mais que não sabemos bem o que é. Temos a oportunidade do exercício de descobrir e desenvolver.

Conversar a produção filosófica da vida é um momento onde mesclamos a representação dos conteúdos apreendidos e perspectivas de movimento. Desgastamos a capacidade de raciocínio debulhando possibilidades, criticando nosso próprio fazer e vislumbrando outras maneiras de gerir a vida.

ARTE: SOBREPRIVAR-A-CIDADE do privado

Tomar a ocupação como arte suscita que verdade não é uma visão de mundo, mas algo que nos mantém ligados a ele.

Habituar-nos a uma ideia neutra de amizade, como pura afeição sem consequência, mas toda a afinidade é um seio comum. Temos a totalidade do espaço social para nos encontramos e criarmos. (A insurreição que vem)

“Pessoas param em frente a casa para tirar fotos”, diz o moço que cuida do estacionamento da frente. Um dos nossos comenta que na última “domingueira” um rapaz parou em frente a casa para tirar foto. Algum fenômeno estranho começa a acontecer. Estaremos virando ponto de turismo?! Uma ocupação é uma obra de arte situada no tempo e no espaço .

Zumbir a vida feito inseto kamikaze.

Perspectiva intensa, efêmera e elétrica que oferta situações ridículas por simples passionalidade.

Abelhas presas em potes de geléia, besouros esperneando de barriga para cima, cigarras que não conseguem romper o vidro e ficam a dar cabeçadas, mil cabeçadas.

Somos desses, com algum outro lampejo.

Apesar de embalados como aleatoriedades mundanas, descontentes, desconcentradas de propósito.

Temos uma Flor de Flocos, digo, um lócus de atuação bastante atualizado: quanto mais entregues estivermos a uma atitude radical de autonomia, liberdade, mais estaremos trabalhando para ser espaço.

Na sala anexa a cozinha na casa Caracol, criamos um atelier. Papai lixo como matéria prima, montamos a infra-estrutura com regalo de berda, abençoado pelos que são dos nossos. Desenvolvemos algumas oficinas, pessoas da rua, amigos e aqueles que de alguma forma se aproximavam da casa podiam chegar e fazer uso de tudo o que estava ali. Não era necessário definir regras rígidas para o uso das coisas. A própria disposição dos objetos dava dicas quanto ao uso que estava sendo feito. O senso de autonomia e

emancipação às vezes pode guiar nossa ação no sentido de desconsiderar os aprioris das coisas e agir como se o que está ao nosso redor fosse um imenso umbigo.

Qual a dimensão de liberdade no espaço?

Construção ingênua de pequenas poesses.

O que se busca com a ideia de espaço libertário é fazer aquilo que se quer com tal consistência que garanta um dinamismo à proposta coletiva daqueles que entregam suas vidas como motor matriz do processo.

Vamos nos influenciando um pela outro e trocando técnicas e saberes que culminam num processo de aprendizagem desescolarizada. Tentamos criar um sistema sensível e efetivo que nos permita boicotar o espaço regulado.

A família e suas dores edipianas são a base nuclear da sociedade de consenso. A ideia de bando nos apraz. Bando (semi) nômade de caçadores de papa entulho. República de crianças. A família nuclear é gerada pela escassez e resulta em avareza. O bando é gerado por abundância e produz prodigalidade. A família como fato associativo batalha entre representação psíquica e realidade social. Tornar elástica a situação até que seja rompida. Por el arte en si. Expandir-se até atingir nível de autonomia, área livre. Certo e errado não tem importância. A experiência é viva. O indivíduo como regulador do seu dia a dia é capaz de fazer deles, nossos. Úteros livres, sinceros.

Em um processo criativo, orgânico e misterioso, a ação é o que aguça o próximo passo. O presente é a única faixa de tempo operável. O método se constrói pela prática de conceber-se universo pergunta.

Viver o processo é um método de registro da crise e síntese do impulso pela busca de novo significado até a decomposição em memória.

Sobre a lógica: ESPAÇOS

Dentro de um processo Comunga, as gavetas internas começam a erodir limites e os conteúdos se transpõe. A intimidade invade o setor de trabalho que derrama gotas em seu sistema de ideias que transborda em suas pretensões de futuro que pinica suas mágoas do passado tangenciando escolhas que geram desconforto e transcendência.

Cena do pé.

Mais um gole e te conto. Descrevo a cena que não precisava ser descrita. Tua cabeça bem que poderia criar que dormíamos todos no mesmo cômodo até que fossemos multiplicando a casa em possibilidade de escolha. As noites eram alegres e pouco diferiam dos dias. Selva de com quem quer que estivesse. Montanha Russa, a ortogonal da cena. Tua mão sai de vocês e aperta minha perna. Em sono, arranjo. Se um contato, fui pros sonhos, onde o prazer é pleno e tem velocidade aleatória a intenção. Olhar fundo antes de, olhar no olho antes de. Pode não, mas faz diferença toda A estar aqui agora. Fomos outro além.

Depois de entrados, o quarto de janela para

rua era nosso tudo. Da comida aos corpos, compartilhávamos. Começamos sentados no chão e fomos subindo em caixas, caixotes, até rumar ao novo aposento.

A cozinha.

É hoje?

Sim.

Mudança da cozinha.

E no novo ali ficou.

Ainda que tivesse o quarto, um baita buraco.  
Buraco teto no buraco piso 2º andar no buraco teto sala no  
buraco assoalho.  
Choveu cachoeira  
e a água nos contou seu fluxo

### ENERGIAS - Matérias outras que potencializam a vida

Adentrando o terreno da desmonetização das relações como questão de autonomia, a questão dos usos de energia e água na casa são pontos interessantes a serem tocados. Desventurados desses bens, travamos possibilidades fora do estabelecido. Começamos por captar água da chuva e buscar galões de água no posto da esquina. Na sequência, nosso vizinho, entre conversas e opiniões, disponibilizou uma das torneiras de sua casa e a partir dessa fonte de água, canalizamos para os locais que queríamos e assim tínhamos água na casa. Tomando nossa prática como nosso discurso, tentando não exagerar nas palavras, fomos fazendo um translado de linguagens que possibilitavam empatia no encontro entre diferentes, agenciando relações desmonetizadas.

Houve época em que tínhamos fogão. Realizamos algumas experiências, mas o coletivo entendeu que o fogo a base de lenha era a opção de maior coerência. Ao invés de economizar dinheiro para o gás, passávamos a estar atentos na rua para trazer madeira e papelão a fim de que estivesse sempre abastecido nosso estoque. O tempo de armação do fogo e o tempo de cozimento também tornavam-se relativos. Era possível uma pirotécnia ou desfrutar alimentando o fogo e a prática de fazer.

Vamos nos tornando sensíveis para a mistura de criatividade e resolutividade na gerência da vida.

A Caracol é a metade da esquerda de uma casa germinada. A arquitetura dos imóveis os mantinha conectados através de um único sótão. Foi através desse lindo acesso que conectamos um fio a casa do vizinho e passamos a ter eletricidade na casa. **SOBRE O FAZER – Tarefastrabalham o corpo ferramenta**

Fomos aprendendo a compor a realidade com as propensões energéticas de cada um. Quanto mais sincero era aquilo que estávamos fazendo, mais construtivo coletivamente aquilo era.

Qual a funcionalidade da arte?

É possível ser espontâneo individualmente e o processo coletivo ser suficientemente

orgânico?

Como se constrói essa possibilidade?

### Arte Mátria x Casa Pátria

Em um estágio recém chegado na casa, as tarefas de construção, reforma, instalação assumiu certa relevância sobreposta. Se tínhamos que fazer aquilo que estivéssemos afim e esse era arte, deveria fazer arte. O lógico apontava para a manutenção das paredes, consertos de uma infinidade de coisas, criação de estrutura para tantas outras.

A construção de coisas úteis e óbvias deixava operar uma lógica de domínio do uso do corpo. Era necessário sentir para ser.

De vez em quando, faremos mutirões! Aproveitamos a força de trabalho e logramos avanço naquilo que temos de construir. Você se questiona se aquela necessidade manifesta é realmente sua ou se seu corpo estava sendo palco de uma vontade que ronda o espectro social como uma possibilidade, mas não é necessariamente o que tinhas de fazer naquele momento.

O aprendizado construtivo vai se dando num jogo que flexibiliza a percepção da realidade.

### Ocupar é reciclar

A propriedade apresenta como componente indissociável a sua função social, enquanto dever imposto a cada sujeito de direito, público ou particular. Neste contexto, o ordenamento constitucional brasileiro “retira literalmente a opção de “não uso”, que o proprietário exercia quando investido no domínio de seu imóvel”. Não por acaso, a Constituição Federal erigiu como direito fundamental a garantia do direito de propriedade (artigo 5º, XXII), seguida imediatamente pela determinação de que a propriedade deve cumprir sua função social (artigo 5º, XXIII), transformando-o em elemento inerente ao exercício propriedade.

A propriedade enquanto direito fundamental carrega consigo indissociavelmente o dever de cumprimento da sua função social.

Somos a lesma que dá vida a carapaça de um caracol. Um imóvel ocioso é uma casa carcaça. Apesar de muito parecer, a cidade não é um depósito de carcaças. Ou não precisaria ser. O andar pela cidade promove encontros constantes com espaços ociosos, sedentos de vida. Combinando-os à sede de desenvolvimento que corre em nossos corpos, agimos de forma óbvia, prática e clara: ocupamos.

### Lixo urbano

Estamos nos desenvolvendo em uma casa que é lixo urbano. A cidade enquanto metáfora, descrição, analogia e narração literal é um lixo. Um resto de intenção. Dentro dela se compõem hologramas de si. Espécies maiores e menores de seu arranjo macro. Um cacareco sem função atirado na rua é lixo. Uma casa sem uso atirada numa rua, a mercê da especulação imobiliária, é lixo.

Hoy, por ejemplo, salí solo una vez, y fui a

sacar la basura, salí y entré. No me gusta Porto Alegre, tiene dinámica de ciudad grande y violenta, y violenta en el general de los sentidos.

Ciudad portuaria, condenada a vivir del comercio. El centro de la ciudad no es ni más ni menos que el Mercado Central, y a sus alrededores por cuadras y cuadras, comercio, comercio, comercio. Las calles aglutinadas de gente, los vehículos trabadísimos, la cola de decenas de metros que espera el bondi llegar, el insesante comprar y tirar en un sentido grotesco.

La gente descarta cosas útiles constantemente, y eso es un festín para quienes vivimos del recicle y tenemos un espacio amplio. Lo primero que reciclé cuando ocupé fue una puerta que había fichado hace días y rogaba que no se la llevaran. Fué también lo primero que acomodé, sobre dos viejos gabinetes de aire acondicionado. Es una mesa grande, casi suficiente para el más desparramado de mis pensamientos. De madera marrón oscuro y lisa, junto a una ventana con angulo hacia el río. Ya monté un cuartito, mañana lo termino.

A caracol é uma comunidade que se desenvolveu a partir do lixo urbano. É uma casa testemunho do excesso. Resto, podre, lixo, vazio. Ou não. A caracol hoje é um lixo urbano reinventado. A caracol foi a maior e mais coletiva bijuteria que fiz.

Propor outro ciclo e atuar nessa propositividade.

A reciclagem diz respeito à um movimento que pode opera as diferentes instâncias.

É possível reciclar uma ideia dentro de si, um comportamento, uma perspectiva, um texto, uma obra, reciclar a alimentação, reciclar material, reciclar moradas, reciclar a vida.

A ideia de uma participação limitada na economia implica pensar que não importa o que compremos, de algum modo estaremos apoiando a estranha ideia de lucro (produtos de corporações responsáveis por violações dos direitos humanos, destruição ambiental e exploração de animais...). A ação é referente aos valores que movem a economia enquanto sistema.

É viciante a oportunidade de viver sem dinheiro.

No processo Caracol há uma economia, um gerenciamento de valores e acordos. Às vezes invisível, outras vezes pautado pelo verbo, estamos empoderados da gerência de símbolos comungados. O uso desse sistema revela pontos que servem como indicadores para transformações.

De todos modos, la mayor y más efectiva herramienta para conseguir cosas que estamos precisando, es el pensamiento, la fuerza de la intención: La Caracol en 5 meses ha sido fuertemente equipada, tanto en estructura y construcción como en lujos y comodidades (la heladera es un lujo), y no precisamos de dinero para concretizar esos puntos. El pensamiento fue siempre el primer disparador para hacer acontecer, y la calle proporciona increíble cantidad de cosas. Reciclamos la ciudad, vivimos del exceso del sistema: Puertas, ventanas, vidrios, pinturas, mochila para el baño, ladrillos, herramientas, madera, tirantes de madera, bicicletario, muebles, sillones, sillas, lamparas, cables, bah... puedo listar una infinidad de cosas que vinieron de la calle, como así también las que los vecinos, amigos y otros espacios traen por no precisar: heladera, computadora, bicicletas, maquina de escribir, maquinas de hacer jugos, maquina de costura, cosas para la cocina y para cocinar de todo, ni sé de donde salieron muchas de cosas pero no falta nada!

Os alimentos que comemos são cultivados a milhares de quilômetros de nossas casas, industrializados, e então transportados por longas distâncias para serem armazenados por um longo período, tudo isso a um alto custo ecológico. Podemos nos alimentar sem os supermercados, e tratar nossas doenças sem farmácias, nos familiarizando com as plantas comestíveis e medicinais que crescem ao nosso redor. Até mesmo parques e praças podem nos fornecer alimentos e medicamentos, nos dando uma visão de que nosso sustento vem ultimamente não das comidas fabricadas pelas corporações, mas da própria Terra.

A que horas termina a feira?

É esse o horário que vamos. Passamos de banca em banca. Podemos pegar as frutas e verduras:

- Sem diálogo.

- Passar pelo lado de dentro das bancas perguntando se há excedente.
- Podemos tocar uma música e receber alimento.
- Podemos contar-lhes que somos um coletivo, que vivemos em uma ocupação, que somos artistas, que fazemos recicle.

O que é recicle? Recicle é reciclagem. Passar ao fim da feira e dar vazão ao excesso gerado pelo sistema de acumulação.

- Podemos enfatizar a questão do tempo e perguntar por aqueles alimentos que já não merecem o rótulo de novos.

Vegetais, frutas, leguminosas registram o tempo sobre a forma de apodrecimento. Acho que nós, humanos, também fazemos assim. Apodrecemos sem reciclarmos uns aos outros em leituras antropofágicas.

Próximo a Caracol, tínhamos 2 dias de feiras. Aos sábados, contávamos com duas feiras, uma orgânica e outra convencional e nas terças feiras uma convencional. Essas três feiras eram suficientes para alimentar de forma bastante saudável todos os moradores da casa, bem como aqueles que viviam o processo de forma indireta. Durante alguns períodos fazíamos semanalmente almoços convidando as casas amigas ou coletivos afins. Nessas datas, servíamos em abundância em torno de 20 pessoas com um custo de zero. Contávamos com o apoio de vários corpos cozinhando com criatividade e a qualidade das refeições sempre era algo impressionante. Ríamos da prosperidade que vínhamos desenvolvendo coletivamente. Tínhamos sobremesas e sucos. Comíamos muito, conversávamos. Produzíamos um estado de convivência que manifestava materialmente que era não só possível, inclusive melhor que quando usávamos do dinheiro, o que culminava em uma alimentação pouco variada e o modo de consumo do alimento, prática de importância tão substancial reduzida a qualquer porcaria pra matar.

Há uma quantidade surpreendente de alimentos a nossa disposição. Como podemos manejá-la?

A casa extra membrana

## UM GRANDE FRAGMENTO

“Hablo de comenzar a cerrar un ciclo porque apareció el dueño de la casa que ocupamos. Bueno, no el dueño concretamente, sino el abogado de él. Llegó a la puerta el viernes pasado para comenzar una negociación y combinamos encontrarnos el lunes siguiente 1 de diciembre. Un abogado clásico: *“quiere lo mejor para nosotros, quiere que seamos felices, nos va a ayudar con lo que precisemos para transporte y etc, mas lamentablemente, aunque crea que somos la vanguardia de nuevas formas de relacionarse en la ciudad, su trabajo es hacer que salgamos de aquí”*. Resumen de sus palabras.

El dueño físico/persona de la casa es un tal Alexis. En papeles el titular es una empresa llamada Alphanorte, de la cual Alexis es dueño. En los primeros tiempos de la ocupación llevamos varias semanas sin poder descifrar que había atrás de ese fantasma de Alphanorte, ya que era una empresa registrada como publicidad pero en internet solo aparecían registros de procesos jurídicos ligados a compra-venta de inmuebles y nada

mismo relacionado a su categoría catastral. Primera sospecha: Lavado de dinero.

La Caracol tiene varias historias bien locas, una de las más emblemáticas aconteció un miércoles, 20 de agosto, donde la vecina fue desalojada de su casa por un proceso que tenía en marcha, y al tiempo que acontecía eso los oficiales de justicia intentaron abrir nuestra casa y descubrieron que estaba ocupada. Mientras eso acontecía nosotros estábamos escondidos atrás de las ventanas escuchando las conversas sin saber lo que realmente estaba aconteciendo y quienes eran esas personas. Al finalizar el día un vecino corredor de inmuebles, Neri, que pasó a tener el poder de venta de esa casa nos comentó lo sucedido: Noemí, la vecina, había comprado la casa engañada unos años atrás, porque la casa ya había sido vendida (seis veces vendida por la misma persona, Ricardo), y el primer comprador entró con un proceso para recuperar el inmueble, lo que culminó con el desalojo de Noemí. Al mismo tiempo, ese Ricardo era el antiguo dueño de la Caracol, y mientras la casa estuvo abandonada él le vendió un pedazo del patio a Noemí, aún cuando ella no sabía que había sido estafada, entonces, volviéndola a estafar, porque la venta de aquella parcela de patio tampoco fue válida a nivel de escrituras.

Al final de cuentas, para que Neri pudiera vender la casa debía regularizar la situación territorial a partir de lo que decían las matriculas de cada inmueble, y así fue que la Caracol recibió 15 metros más de patio: El nuevo vecino, el verdadero dueño en función de las matriculas, construyó un muro para separar su patio del nuestro, y nosotros abrimos un hueco en el muro que teníamos al final del patio para conquistar el nuevo territorio, que venía con un pequeño cuarto semi abierto con asador incluido. Así es que Caracol pasó a tener dos patios, el primero junto a la casa, lleno de plantas, pájaros, bichos y un suelo que hizo compost natural durante 10 años. Entre las plantas tenemos un guayabero, mora, pitanga, ameixa, palta. El otro patio no tiene arboles altos pero si una huerta con variedad de plantas y enredaderas.

Para entender la dimensión de los acontecimientos de aquel día: pasamos unas 12 hs, de 8 de la mañana a 8 de la noche, en una dinámica de alerta total, escondidos escuchando conversaciones, haciendo repetidas reuniones entre nosotros durante el día para discutir posibles estrategias, deduciendo posibilidades, bien confuso, y en todo momento el balance del día era totalmente negativo. En cuanto los oficiales de justicia, abogados, el nuevo dueño y demás personas se fueron y solo quedó este vecino corredor de inmuebles, Neri, salimos afuera y conversamos con él. Ahí nos anoticiamos de que en esa treta no estaba involucrado Alphanorte ni Alexis (que aún no sabíamos de él con nombre y apellido), nos anoticiamos de que ese trozo de patio era nuestro, y como si fuera poco aún Neri fue parcero con nosotros y nos dijo que conectáramos la luz desde la casa que acababa de quedar vacía y que él tenía para vender. Extraño, pero fue así que comenzamos a tener luz y aún tenemos, conectados a la red de la casa vecina por un cable que pasamos por el cielo raso, donde las casas están conectadas por un hueco abierto que tienen entre ellas por ser dos casas que se construyeron juntas e idénticas. En cuestión de minutos los acontecimientos del día pasaron de un negativo extremo a un positivo extremo.

En fin, terminé por contar la historia del aquel miércoles porque de aquellos hechos se

desenvolvieron otra serie de secuencias que terminaron por darnos algunas ideas de como conseguir el nombre o persona responsable por la personalidad jurídica de Alphanorte, y así fue que llegamos a Alexis, su número de identidad, su domicilio, y a partir de aquello se abrió un mundo de posibilidades en nuestras pesquisas: Empresario de alto porte dueño de varias empresas, entre ellas constructoras y administradoras de inmuebles y condominios. Tanto Alphanorte como otras de sus empresas tienen domicilio fantasma, todas acumulan una montaña de procesos judiciales. Descendiente de griegos, fue presidente de la Sociedad Helénica de Rio Grande do Sul, sociedad de magnates y empresarios, pertenece a otra sociedad que se considera el %2 más inteligente del planeta, habla 5 idiomas, está conectado y relacionado con las altas dirigencias del Gremio, en fin, un perfil de quien ya financió campañas políticas de candidatos de ultra derecha, como descubrimos que él también hizo.

Como en las pesquisas también encontramos fotos pudimos reconocerlo unos días atrás cuando paso de auto por aquí afuera para chusmear que casa era esa que él es dueño y que está siendo ocupada, ya que toda esa trepa del nuevo dueño de la casa de a lado activo a Alexis cuando se comunicaron con él para intentar ofrecer un negocio en conjunto.

Cuando el abogado vino el lunes pasado a conversar con nosotros, en el transcurso de la conversa se fue dando cuenta que no eramos tan ingenuos como él creía que seríamos, que podría sacarnos de aquí en un plazo de 15 a 30 días sin iniciar ningún proceso de reintegración de pose. Fuimos conversando y lúdicamente con algunas sutilezas le dejamos ver que estábamos bien informado de con quien estábamos tratando, de que no queríamos entrar en procesos judiciales pero que tampoco tenemos miedo de ellos y de que no vamos a salir en 30 días porque estamos en el medio de procesos nuestros que no queremos interrumpir. Propusimos plazos de mínimo 3 meses y que también queríamos hablar directamente con Alexis. La conversa fue súper tranquila, nos tratamos con mucho respeto. Nuestro aura fue clara y con bases sólidas, nos mostramos en total altura de conversar y poner nosotros las condiciones.

Existe una condición legal que se llama Força Velha (Fuerza Vieja), en la que después de 1 año y 1 día de estar ocupando, uno gana aquella Força Velha que no permite al propietario adquirir una liminar en un proceso de reintegración. Es decir, antes de un año el propietario al entrar con reintegración puede conseguir una liminar donde el proceso es solo eso, una decisión de juez, y un desalojo puede correr en tiempos rápidos como 15 días o un mes. Al tener la Força Velha el proceso es ordinario como cualquier otro, donde hay plazos para respetar, las partes puede recurrir con contra partidas y demorar el proceso, todo bien más burocrático. Nosotros solo estamos hace 5 meses y poco, pero ellos no saben cuando entramos, y al hablar con el abogado le trajimos la situación de una forma bien natural y asumida: “a ustedes les conviene negociar con los plazos que estamos proponiendo porque si no están de acuerdo entonces, que van a hacer? entrar con una reintegración? Nosotros estamos acá hace más de un año, tenemos Força Velha, el proceso se va a demorar bien más todavía de los plazos que estamos conversando ahora”. El abogado asumió la conversa como si aquello fuera cierto, quedó sabiendo que conocemos a Alexis, que sabemos de jurídico, que no ocupamos por malucos que somos sino que tenemos bases y conceptos donde soportamos nuestras acciones, pudo ver que la casa no es un desorden sino que fue grandemente restaurada, que arreglamos pisos

podridos, trocamos tirantes del techo y eliminamos goteras de 10 años que ya eran cascadas cuando llovía, que colocamos puertas y ventanas, que tenemos biblioteca y sala de estudio, que tenemos un taller de trabajo, que cuidamos los arboles y hasta tenemos una gallina (porque tenemos una gallina, aunque no pone huevo).

Al final del encuentro le di un cuento de Rafael Barret para que leyera y lo compartiera con Alexis, Gallinas, justamente. Se comprometió en venir el martes o miércoles a más tardar, pero recién volvió el jueves: No acordamos nada, le damos vueltas en ideas conceptuales de lo que nosotros estamos haciendo, de lo que Alexis está haciendo, y del rol que él está desarrollando. De a momentos se lo nota confuso, pierde la seguridad, comienza a contradecirse en una misma frase y vuelve a traer propuestas. Terminó yéndose con nada concreto en las manos combinando que volvería el lunes para continuar la conversa y prosperar en un acuerdo. Antes de irse le volvimos a dar un material de lectura. Nosotros por lo pronto nos estamos divirtiendo.

En cuanto a nosotros, la mayor parte de quienes hoy vivimos en la Caracol, estamos con proyectos de viaje, en mi caso, de continuar. Entonces este proceso de comenzar a pensar en que la Caracol, sea por acuerdo o sea por reintegración de pose, va a llegar a su fin nos está alineando a todos en cerrar un proceso elaborando un trabajo colectivo como resultado de la experiencia, para luego poner la mente en modo nómada y continuar viajando, casi con certeza que hacia el norte.

Haber estado encerrado en la ciudad más de 9 meses, con pocas salidas al campo o el mar, me coloco un estrés mental que para equilibrarlo preciso en los próximos meses comenzar con un otro proceso de distanciamiento de las grandes urbes y alinearme con montañas, ríos y matorrales. Un proceso donde pueda recapitular las cosas que acontecieron estos últimos meses y años, tal vez sistematizarlo en algún trabajo escrito, y repensarme en espacio-tiempo para definir que direccionamiento quiero darle a los próximos años de vida. También identifico que un proceso tal va a comenzar cuando me aparte, por lo menos temporalmente, de esta vorágine sin tregua que conlleva disputar los espacios de la ciudad.

También todos los domingos estamos desarrollando un lance aquí afuera de la Caracol, la Dominguera, donde sacamos sillón, mesa, comida, producciones, material de lectura, bicicletas, pan casero, herramientas y ocupamos la calle. De alguna forma continuamos con nuestras actividades pero en vez de adentro de la casa, afuera. Los vecinos gustan mucho, siempre nos dicen cosas lindas sobre nuestra forma de entender y utilizar la calle, y en el medio de ese todo están nuestras producciones, entonces de tanto en tanto salen algunas ventas de productitos ahí también.

Realidade manifesta enquanto personagem recriável. Fazer a si como plástico da energia fluente. Expressar-se vida criativa em dança que fere o par, sem querer, pisa-lhe. Ser tormenta latente - transpor em palavras que convençam utilidade, dessa vez um pouco mais grotesca do que todas as outras, não pingue muito mais que três gotas. Transparência que pinica.

Um processo de entropia consiste em gerar pontos de instabilidade que sinalizem

inadequação entre a maneira como idealizamos e usamos os espaços e suas funções e sentidos originais. Com isso, nos colocamos na possibilidade de lidar com o último dos medos, encontrar a sombra do que somos e através do confronto com as contradições, propôr inversões nas lógicas que pautam a ação e construir mudanças. A transformação de si em si.

AMORTE, OFIM como começo

RE-INVENTEMOS A VIDA

acreditar na utopia - a ótica de um Guachinim,  
um não filósofo, não teórico

“Muito de todo esto seria lindo, increíble, y si, porque somos soñadores y creamos pensando en nuestras utopias. Mas no somos de quienes entendem las utopias como aquél horizonte inalcanzable. Tiempos de cambio, de transformación. La utopia aparece como una gran posibilidad a ser construida, y mejor aún, vivida.

No seamos ilusos. Eso no está rolando, no ainda, mas es una posibilidad, y eso aqui es un chamado a vivir la utopia. Para eso es necesario acreditar en ella, acreditar profundamente y convertirla en el sentido de nuestras vidas.

Eso es lo que muchos sabios han llamado de "el poder de la intencion". Tu acredita y bota fé tanto em uma coisa, que tu cria ela”.

Bota fé ou vaza.

### **HETERO TRÓPIKOS – Foucault chegô!**

E agora, por último, um analisador teórico consagrado para falar com maior propriedade de tudo o que vínhamos comentando por ai. Foucault tem um conceito que opera de forma interessante as ideias que trouxemos até aqui. O autor fala de espaço heterotópico como lugar que tem constante intenção de inversão, suspensão, neutralização da ordem vigente. O Espaço heterotópico, segundo ele, é provido da ausência de relações claras e duradouras de dominância; destruindo o discurso que sustenta e justifica a organização espacial arruinando discretamente a sintaxe, causa efeitos sobre a ordem dominante, o que recai em sensação de desconforto a todos que de alguma forma são implodidos por tal processo.

Ele fala que há lugares efetivos que foram desenhados pela própria instituição da sociedade, e que são tipos de contra-localizações. Utopias realizadas no interior da cultura são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas. Tipos de lugares que se encontram fora dos lugares, ainda que sejam efetivamente localizáveis no plano material. As heterotopias, de acordo com o autor, constituiriam-se em espaços onde a memória política e institucional não existe e as classificações funcionais não se aplicam: regras de convivência não são baseadas na civilidade.

Segundo ele, as heterotopias geram inquietação (...) porque minam secretamente a linguagem, impedindo a nomeação disto ou daquilo, arruinando não apenas a 'sintaxe'

que constrói as frases, mas aquela (...) que mantém em conjunto (...) as palavras e as coisas" (FOUCAULT, 1996:9)

O depoimento de um palhaço que não é teórico diz que a experiência de ocupação possibilita conviver com personagens. “É enriquecedor porque você conhece na intimidade o processo de construção e desconstrução das máscaras dos sujeitos. As pessoas começam a tirar umas máscaras e colocar outras. Refletindo esse processo, vou compreendendo a mim mesmo através dos personagens que existem nos outros”.

Quando você for agir automaticamente pela lógica do sistema, examine a situação e aja a partir de uma naturalidade interna. Os sistemas religiosos apontam na direção do fazer insurrecional quando dizem “Coragem para ir a prática, Irmãos!”.  
Pode ser que nem todos queiram ser livres. Assopremos! Alopremos!

A ideia de heterotopia foi condenada pelos intelectuais porque a viram como de impossível de concretização.

Se não rompes com a previsibilidade do teu destino, nunca perceberás quem teria sido se não fosses tu.

Aquele que é pago para pensar constrói o privilegiado. Pode ser que o pesquisador acadêmico, dependendo da sua prática, pense algo que não é capaz de levar a cabo.

Foucault traz exemplos de espaços heterotópicos que não convencem seus colegas de trabalho. Acho que Foucault não ocupô..

...É inviável que um arranjo informal. um espaço heterotópico se torne uma ferramenta política, por isso lhes custou ver.

DEIXAR SE MANIPULAR:

alimentar o ego alheio para cumprir contratos sociais

SEJALOGO! UMA CRIANÇA SINCERA

-  
O  
  
d  
e  
s  
e  
j  
o  
d  
a  
b  
u  
r  
g

u  
e  
s  
a  
é  
t  
e  
r  
a  
f  
é  
i  
n  
a  
b  
a  
l  
á  
v  
e  
l.  
O  
p  
e  
r  
a  
d  
o  
r  
d  
e  
s  
o  
n  
h  
o  
s  
:  
-  
I  
m  
p  
o  
s  
s  
í

v  
e  
l.  
T  
u  
d  
o  
o  
q  
u  
e  
c  
h  
e  
g  
a  
a  
v  
o  
c  
ê  
é  
p  
o  
r  
m  
i  
l  
a  
g  
r  
e  
.  
(  
r  
a  
i  
z  
d  
o  
s  
a  
ç  
o  
i  
t

Te encontrei em mim e assim não precisei ser você. Os intelectuais que sintetizaram a ideia de heterotopia achavam que ela se daria em espaços fechados, sem possibilidade de controle do estado.

Medo de chegar ao último encontro:

**ver-se livre publicamente para realizar o sonho de sair pelado na rua.**

## CONCLUSÃO

Registro do processo restitui tempo morte em espaço AGORA.

A eminência do estado moderno, virtualizou a vida.

Toda ela superficial recitada pelos acordos insanos a vitalidade dos seres.

Nos torna vulgares abandonados da noção de si

Arrependidos da terra enquanto dinâmica e viva.

A ausência de senso comunitário para o uso do espaço público terminou por esvaziar fisicamente o espaço público e preencher ideologicamente essa possibilidade como uma algo perigoso. A combinação desses fatores gerou um espaço físico desabilitado em sua funcionalidade, frequentado pelo medo e os afazeres do tempo-prensa. O que torna esse espaço convidativo aos que tem coragem de uso.

A gente tá livre, é só ocupar!

Arranjos informais passam, por congregar diferentes, a despertar incerteza. Acessam um estado de ESPONTANEIDADE que é temido por quem está identificado com suas amarras. As pessoas tem dúvidas – que são dádivas - com relação ao seu potencial para lidar com o diferente. Despotencializam sua ação e pensam logo em um mediador para resolução de suas demandas. Muitas vezes o estado cumpre o papel de mediador e o sistema econômico trabalha os indivíduos na condição de potenciais tercerizadores das demandas de vida, com isso, reintegrantes dos pactos sociais de moral e civilidade.

Embora a membrana com o insuportável aguento cada vez com mais elasticidade o arrombamento de cu-lotes. A prática de espaços heterotópicos está onde o “estável” se sedimenta em acordos de necessidades vulgares que não sustentam identidades superfaturadas pela demanda da realidade.

Não sou nem vocês nem eles

**Uma vida é um laboratório de experimentação**

Experimento do agora: Caracol

A experiência Caracol é mais uma de nossas buscas por meios autênticos de estar na terra. Essa busca é a característica própria de nosso existir.

Ideias e intenções fluem dentro da gente com naturalidade. Nos desafiamos a esculpi-las no mundo real. Somos a lesma que dá vida a carapaça de um caracol. Um imóvel ocioso é uma casa carapaça. Apesar de muito parecer, a cidade não é um depósito de carapaças. Ou não precisaria ser. O andar pela cidade promove encontros constantes com espaços ociosos, sedentos de vida. Combiná-los à sede de desenvolvimento que corre em nossos corpos, nos faz agir de forma óbvia, prática e clara: ocupamos. Declarar, exemplificar, justificar ou representar nosso fazer é incabível. Ele se traduz em experiência. Comprar espaços desnecessários ao plano real de vida ao ponto de ser incapaz de usá-los é rir com dente de ouro na cara do banguela. Os imóveis são dotados de função social, diz a caricata lei brasileira. A consciência de cada indivíduo enquanto ator no cenário da vida em sociedade tem o condão de garantir o bem estar social”. O transporte da teoria da função social para o âmbito do direito de propriedade evoca o dever atribuído ao proprietário de fazer uso de seus bens de forma a cumprir uma função social. O proprietário é apenas o detentor de um bem, por sua vez pertencente à coletividade. Quem promove o exercício da função social do imóvel é quem faz uso do mesmo: proprietário, inquilino, amigo, ocupante. A propriedade está protegida tão somente na medida em que realiza sua função social.

A Caracol se desenvolveu em um imóvel que estava abandonado há 10 anos. Alexis, seu atual proprietário a comprou num leilão. Comprou-a como nós compramos paçoquinha na venda da esquina. Tirou uma moeda esquecida no bolso e comprou. Talvez nem tivesse fome. Comprou pelo velho hábito de comprar. Esses dias, um amigo de Alexis veio nos visitar. Se apresentou como advogado do proprietário. Nos contou sem tom de sigilo que o hobby do proprietário Alexis é fazer dinheiro.

“Ele vive para fazer dinheiro, ele brinca de fazer dinheiro”.

Perguntamos para o amigo advogado:

- mas para que ele usa o dinheiro que ele ganha brincando de fazer dinheiro?

Ao que ele respondeu:

- para fazer mais dinheiro, oras!

A declaração de nosso amigo provocou uma gargalhada conjunta tão forte que o chão da sala da Caracol tremeu 5.2 na escala Richter. Graças ao trabalho que temos feito na estrutura da casa, nenhum quadro se moveu na parede. Rimos tanto que acabamos contagiando nosso amigo advogado, que se permitiu o deleite de rir conosco.

A vida é realmente uma sequencia de piadas.

Umam perdem a graça rápido, outras ficam registradas na história como eternas alavancas de riso...

Lixo urbano

Estamos nos desenvolvendo em uma casa que é lixo urbano. A cidade enquanto narração literal é um lixo. Um resto de intenção. Dentro dela se compõem hologramas de si mesma. Espécies maiores e menores de seu arranjo macro. Um cacareco sem função atirado na rua é lixo. Uma casa sem uso atirada numa rua, a mercê da especulação imobiliária, é lixo.

Abundante, transbordante. A cidade é um lixo constante. Viva!

Estando localizada na frente de um container de lixo, a Caracol nos propicia vivências que ilustram didaticamente o modo como as pessoas lidam com suas demandas de vida. O livrar-se cotidiano de sacolinhas cheias de restos de nós mesmos. Tiramos a sujeirinha de nossa casa e a colocamos em um container. Saimos dali com a sensação de alívio. De limpeza. Saimos dali com a sensação de que agora estamos zerados para mais uma jornada. Estamos prontos para gastar mais dinheiro consumindo necessidades embaladas em envólucros supérfluos. Estamos prontos para começar mais uma acumulação de ansiedades desvalidas de realização que culminará em outra sacolinha cheia de excesso de si mesmo.

E amanhã?

Amanhã colocamos nossa sacolinha no lixo.

Essa é uma das piadas que perde a graça rápido.

Fato é que essa posição estratégica propiciou matéria-prima para o desenvolvimento da Caracol. Toda a casa foi montada com restos encontrados na rua essa nossa Travessa da Harmonia além de outras localidades da cidade.

Ficar parado não eras.

Ou eras.

Uma das coisas que fazemos na Caracol é parar e pensar. Temos pesquisado as como se estruturam lógicas humanas que inspiram formas de agir capazes de materializar realidades nocivas à própria vida humana. Uma das coisas que a gente tem entendido é que as relações estão, quase em sua totalidade, monetarizadas. Quase todas as formas de interação humana estão mediadas pelo capital. Mais do que isso. As matrizes de poder que legitimam nossas possibilidades de construção e troca do saber também estão, além de monetarizadas, legitimadas por um sistema de conhecimento que incentiva as pessoas a entrar em contato de forma superficial com os assuntos que lhes dizem respeito. Os conteúdos são lacrados, embalados e ofertados num estilo atacadão. Agarra-se de forma passiva um pacote.

Surpresa!

Havia NADA dentro.  
-Tudo bem.

Amasso a embalagem, junto essa embalagem ao conjunto de embalagens que tenho, coloco-as em uma sacolinha de descarte e enfio em um lixo, tipo esses que estão aí na frente da Caracol. Assim a cidade decompõe. Detalhe insano: várias vezes o resto, o suspiro último amassado, não descabe de si mesmo e sai pairando pela cidade.

Já viu uma sacolinha voando? Parece um pássaro. Só que não.

Nos damos por satisfeitos com formas de vida que são superficialmente satisfatórias se levarmos em conta o potencial vivo que habita cada um.

Habitar:

habitar é não caber em si mesmo.

Transbordar de si. Desistir de ser sempre todo o dia a mesma e velha coisa que fomos antes de dormir.

Trans-for-ma!

Choradas as lamúrias de um entardecer, vamos a soluções a manobras práticas para nosso viver.

Isso!

A vida é uma coisa louca. A poesia nos cabe, mas a poesia é nostálgica. A poesia se faz enredada em lamúrias de um mundo sonhado e não vivido. Fazer da morte, vida, do lixo, vida, da casa, vida é deixar nascer um ponto de cultura libertária!

Aí estamos!

-Uma leitura prévia sobre as bases das relações atuais e a organização das cidades no presente pode nos trazer uma carga de conotações negativas. Entretanto, nossas ações, nossas respostas, são de direcionamento positivo. Identificamos de que forma, sim, queremos construir e vamos por aí, sem burocratização de nenhum estilo que atrofie a intenção positiva. É justamente caminhando diretamente aos objetivos, sem intermediação, que colocamos em prática nossas capacidades autônomas de desenvolver-nos. Partindo dessas bases, não as tomamos como métodos de aplicação para projetos particulares, se não que as assumimos como um modo de existir, desenvolvendo a utopia no cotidiano de nossas vidas, sem deixar que os limites estruturais, culturais ou legislativos, machuquem ainda mais o livre desenvolvimento dos seres em seu estado natural. Nesse sentido, nossa caminhada é um estudo antropológico constante e sem fim até o caminho da nossa alma nativa.

Uma rua é uma comunidade. A caracol é uma das casas, um dos pontos que faz existente a Travessa da Harmonia. Falar de comunidade pode ser uma ideia um pouco romântica para referir-se à vizinhança da Alberto Torres, mas não pagamos de ingênuos, tratamos a rua como comunidade por convicção. Considerar as coisas como gostaríamos de vê-las funcionar, é entender que só acreditando se transforma. No entanto, a leitura deve ser correta: nossa rua não está extinta de grades, cercas elétricas e muros que nos dividem, que nos individualizam, que marcam claros territórios individuais e separados de todo o resto da quadra dificultando a ideia de comunidade. Pior que isso, na nossa rua existem prédios, uma invenção humana que apunhalou de morte a vida comunitária empilhando a vida das pessoas com total naturalidade.

A degradação dos aspectos da vida comunitária é evidente. Fatos concretos vêm a mente. Os cartazes que apareceram pela rua pedindo “Por favor, mais segurança”. pareciam carregar um ar de desespero pela situação de violência vivenciada naqueles dias. As mensagens iam às instituições governamentais em pedido de maior presença policial. Estar vinculado de forma saudável e profunda com os membros de uma coletividade faz com que se desenvolva uma natural cultura de autosegurança. Poder ocupar e ocupar o espaço público é entendê-lo como comunitário, lugar onde todos se sentem a vontade para estar.

A autonomia dos corpos no espaço se traduz em liberdade coletiva. Dinâmicas de vidas autônomas são capazes de criar interdependência desde o simples estar, compartilhando tempo e espaço, até demandas mais complexas como deixar de depender de provisões externas – polícia e estado- para suprir necessidades materiais e imateriais. O bem estar social é um bem imaterial capaz de ser gerado comunitariamente, através de elos que se estabelecem na prática da interdependência entre os membros de uma comunidade autônoma. Uma comunidade é capaz de fortalecer vínculos na medida em que descapitaliza suas formas de interação. Na medida em que deixa de depender de agentes externos para providenciar suas demandas entendendo que ela mesma é responsável por pelo seu bom funcionamento. A segurança não é mais uma das coisas que colocamos na lista do natal ou desejamos aos outros no ano novo.

A segurança é fruto da autonomia comunitária. Os vínculos, as relações cotidianas geram segurança. É possível que entre nós mesmos possamos dar solução à diversas problemáticas. Conhecer-nos e a partir disso ir gerando nossas liberdades pode fazer com que possamos substituir a necessidade de segurança pela possibilidade de ser livre. Esquecer a mania urbana de engaiolar-se.

Está ali nossa segurança, na liberdade compartilhada.

Crianças na rua brincando, senhorxs desfrutando o dia. Cada um com seus pulsares tornados públicos e compartilhados. Desenvolver-se ao ponto de gerar essa conexão requer o simples, mas nem sempre fácil exercício de reflexão que visa entender que a realidade que se expressa ao nosso redor é reflexo imediato das nossas ideias e crenças e consequentes práticas de vida.

A ideia de comunidade ligada à de autonomia significa que há uma co-relação entre indivíduo e território: cada um deve sentir-se responsável sobre o que acontece em seu entorno, ao mesmo tempo, o que acontece em seu entorno, na comunidade, na rua, deve estar sujeito às vontades e consenso do conjunto de indivíduos que a conformam. Pessoas que não viveram nem desenvolveram trabalho para e com a comunidade não teriam porque ter poder sobre as decisões das pessoas e espaços que a conformam.

Alexis ociosus ou Casa Caracol?! Quem mora na Travessa da Harmonia, 185?

Ei, menina da bici, senhora dos cachorros, família dos advogados, inglês, corretor, tatuadores, escola, amigo do estacionamento, cartunista, pessoal da faculdade, polícias, meninos da rua, mulheres dos prédios, casal com seu bebe, dona Noemi, amigos, esses que olham com cara de desconfiado, os conhecidos os que não conhecemos mas co-habitam espaço conosco. Que vocês decidam!

Essa casa. Essa carapaça que hoje tem vida, porque nós, a gosma caracol estamos dentro dela. Essa casa vocês a escolhem como mais um imóvel abandonado e ocioso servente a especulação imobiliária, alimentador da atmosfera de insegurança e desconexão coletiva ou como uma ocupação, um laboratório público de experimentação das formas autônomas, criativas e libertárias de vida? Todo ritmo de vida constitui o sistema. Dos focos de instabilidade e insurgência, emergiram tanto os movimentos políticos formais, quanto uma série de localidades que tomam sentido através dos seus usos sociais não regulados.

## **FIM do INÍCIO**

Aqui termina fim do início começa iuqA

A resposta de um trabalho bem feito nas ocupações está na potência de ir-se e deixar morrer a nova verdade. Sabote até quando?! Encontrar suas cenas previstas e incendiar a coxia. Livre-si. Simples: lalala y puft! Tente! Ordinário da errância. Método de ação imune à culpa. A finalidade política na noção do espaço pode estar em aceitar-se como fora do controle. Já que arranjo informal é um jogo de direitos e deveres circunstanciais orientados pela interação do espaço e suas possibilidades de flexibilização.

O espaço público normatizado pela cidadania se compõe através de direitos e deveres operados pelo estado e reiterados nos códigos de civilidade. A formalização pautada por planejamento urbano, ampara a perspectiva de futuro que pede ao código jurídico permissão para modificar-se, e devolve poder ao estado. A justiça conferida pelo estado desapropria os seres da possibilidade de autorregulação através de ação, onde o temporário é motor do dia.

Alguém que viveu disse: Essa nova forma de viver a religiosidade se estrutura no acesso ao sagrado a partir da simplicidade. Percebemos mudanças de circunflexo arco. O desenvolvimento de uma consciência ecológica que pode ser percebida na intimidade das relações pessoais. Neste sentido, não estamos falando aqui de uma adesão a modismos

relacionados a discursos destituídos de sentido: os relatos obtidos evidenciam que esta forma de viver a relação com o sagrado e o engajamento as suas práticas acaba por promover uma série de mudanças na vida desses indivíduos.

SARAVÁ!

“Só queria deitar um pouco...”

Bibliografia - em letras diferentes porque são diferentes, uma homenagem à diferença.

A insurreição que vem. Disponível em:  
<http://www.uniomystikaum.org/2015/03/download-livro-insurreicao-que-vem.html>.  
Acessado em 1º de dezembro.

BEY, Hakim. TAZ: Zona Autônoma Temporária. São Paulo: Conrad, 2001.

(Bey, \*\*\*\*)hetero topia  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/.../12279>

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989 (Coleção Memória e Sociedade).

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>  
>

COISAS, Interessantes. Disponível em: <<http://freegan.info/what-is-a-freegan/translations/o-que-e-freeganismo/>>

Cristiane Derani, (1997, p. 239)

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Natureza e cultura na psicanálise e no ideário ecológico: duas perspectivas sobre o mal estar na cultura. Naveg@mérica (Murcia). 2010, v. 5. p. 1-11.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995. v.1 e 2. DERANI, Cristiane. ***Direito Ambiental Econômico***.

São Paulo: Max Limonad, 1997

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

KACHOS, Isabel Seis. A vida e sua simplicidade que eu me embolo pra dizer o quão simples é. Mulher forte em ninho machista é toda... Rompe y nasce, Flor.

MARÉS, Carlos Frederico. A Função Social da Terra. Sérgio Antonio Fabris Editor. Porto Alegre Ed. 2003

MOREIRA, Juliano. Factores hereditários em psiquiatria. **Archivos Bras. de Higiene Mental**, anno, n.1, p.29-34, 1919.

O apelo é um livro independente feito por um coletivo francês. Eles não dizem mais que isso.

Vitor Por Deus, um amigo.

Um chamado a guerra nomade. Disponível em:  
<http://ugrapress.webstorelw.com.br/products/balaklava-um-chamado-a-guerra-nomade>